

# COMO O “SER MAIS”, EM PAULO FREIRE, HUMANIZA O INDIVÍDUO?

Adriano Luís Hahn



OLMA

Observatório Nacional  
de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida



O Observatório Nacional de Justiça Socioambiental – OLMA é um núcleo organizador de instituições e iniciativas em rede focadas em temáticas comuns ligadas à “promoção da justiça socioambiental da rede jesuíta”.

Criado pela Província dos Jesuítas do Brasil – BRA para observar em profundidade as grandes questões emergentes da realidade conflitiva e contraditória, em vários âmbitos e territórios, se propõe a desenvolver ações de documentação, sistematização, reflexão, formação e articulação de forma a colocar em sinergia todo o potencial acumulado na Rede Jesuíta, buscando, sobretudo, uma interlocução contínua com os diversos atores dentro e fora da Igreja.

**COMO O “SER MAIS”,  
EM PAULO FREIRE,  
HUMANIZA O INDIVÍDUO?**



OLMA

Observatório Nacional  
de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida

**OBSERVATÓRIO NACIONAL DE JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL  
LUCIANO MENDES DE ALMEIDA – OLMA**

**Provincial da Província dos Jesuitas do Brasil**

Pe. Mieczyslaw Smyda, S. J.

**Secretário para Promoção da Justiça Socioambiental  
da Província dos Jesuitas do Brasil e**

**Coordenador Nacional do OLMA**

Pe. José Ivo Follmann, S. J.

**Secretário Executivo**

Dr. Luiz Felipe B. Lacerda

**EDITORA CASA LEIRIA**

**CONSELHO EDITORIAL**

Ana Carolina Einsfeld Mattos (UFRGS)

Ana Patrícia Sá Martins (UEMA)

Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo (UERN)

Glícia Marili Azevedo de Medeiros Tinoco (UFRN)

Haide Maria Hupffer (Feevale)

Isabel Cristina Arendt (Unisinos)

Isabel Cristina Michelan de Azevedo (UFS)

José Ivo Follmann (Unisinos)

Luciana Paulo Gomes (Unisinos)

Luiz Felipe Barboza Lacerda (UNICAP)

Márcia Cristina Furtado Ecoten (Unisinos)

Rosângela Fritsch (Unisinos)

Tiago Luís Gil (UnB)

**Adriano Luís Hahn**

**COMO O “SER MAIS”,  
EM PAULO FREIRE,  
HUMANIZA O INDIVÍDUO?**

**CASA LEIRIA  
SÃO LEOPOLDO/RS  
2021**

## **Como o “ser mais”, em Paulo Freire, humaniza o indivíduo?**

Apoio: Observatório Nacional de Justiça Socioambiental  
Luciano Mendes de Almeida – OLMA.

Editoração: Casa Leiria.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

### Ficha catalográfica

H148c Hahn, Adriano Luís  
Como o “ser mais”, em Paulo Freire, humaniza o indivíduo?  
[recurso eletrônico] / Adriano Luís Hahn. - São Leopoldo:  
Casa Leiria, 2021.

Disponível em: <<http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/olma/sermais/index.html>>

ISBN 978-65-89503-14-9

1. Educação – Sociologia. 2. Pedagogias  
educativas - Sociedade. 3. Paulo Freire – Sociedade –  
Humanização. 4. Justiça social – Educação. I. Título.

CDU 37:316

### Catálogo na publicação

Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB 10/973

## **Sumário**

9	Introdução
12	O que Paulo Freire entende por humanização?
35	Quais os argumentos que fundamentam a existência da vocação ontológica para a humanização?
55	De que maneira a proposta do “ser mais”, em Paulo Freire, humaniza o indivíduo?
81	Considerações finais
83	Educação Popular
85	Referências



## Introdução

Esse e-book busca responder como o “ser mais” humaniza o indivíduo, como essa força impulsiona cada um a crescer, a se libertar e a se tornar sujeito e, para isso, serão abordadas três questões:

### ***O que Paulo Freire entende por humanização?***

O discurso da acomodação será visto como aquele que impede a humanização, ou seja, que se contrapõe ao projeto do “ser mais” como condição de humanização. Em seguida, será analisada a “educação bancária” como meio de fortalecer a dominação e, conseqüentemente, a desumanização. Porém, surge a “educação revolucionária” como possibilidade de romper a educação destrutiva e mantenedora do “status quo”, para reafirmar o projeto de acordo com a liberdade. Essas pedagogias educativas fazem uso de métodos científicos, a diferença é que uma é usada para a opressão e a outra para a libertação, para o bem dos indivíduos. No entanto, não basta ter clareza sobre a proposta, é preciso que os oprimidos assumam a transformação como projeto próprio, para que, assim, possam ser agentes de mudança social. Nesse caso, humanizar é um processo que se dá por meio da colaboração das consciências, que exige o reconhecimento dos outros e de seus direitos. No final do capítulo, veremos que a humanização passa pela libertação de todas as amarras sociais, políticas, econômicas e ideológicas.

### ***Quais os argumentos que fundamentam a existência da vocação ontológica para a humanização?***

Esse capítulo se propõe a analisar o estatuto ontológico da vocação para a humanização. A primeira coisa que se percebe é a “não neutralidade” do indivíduo no mundo, de seu chamado a intervir e construir o mundo chamado “humano”. Além disso, a constatação de que a opressão o deixa descontente e não o satisfaz aponta para a presença de um sonho por um outro mundo e, por isso, demonstra que essa busca por uma utopia é própria da espécie humana. O inacabamento do indivíduo também confirma que ele é um projeto a ser edificado. Por outro lado, somos seres de sentido e, naturalmente, o nosso “querer ser” não é somente o de ser entre outros seres como meros objetos, mas como sujeitos, como atores. Somos também presença, e presença implica em identidade e consciência das próprias ações, não como quem simplesmente obedece ordens, mas como quem é agente e participa da história. Contudo, a vocação não é um a priori na história e, por isso, deve ser construída ao longo do processo histórico e se apresenta como uma possibilidade real e não como um mero sonho ilusório. Há exemplos concretos da efetivação, ainda que relativos e modestos, dessa vocação ontológica, o que confirma sua possibilidade.

Por fim, surge a pergunta fundamental:

### ***De que maneira a proposta do “ser mais”, em Paulo Freire, humaniza o indivíduo?***

Primeiramente, é constatada a presença desse desejo, dessa força de não “somente ser”, mas “ser mais”, presente nos indivíduos ao longo de suas vi-

das. Nesse processo o futuro é visto como problema, pois é próprio do indivíduo, enquanto processo, procurar edificar sua vida e ver a história como realidade feita por homens e mulheres e, portanto, uma realidade dinâmica e não estática. A história, para quem busca o “mais”, é uma possibilidade e não um a priori. Para que a efetivação desse projeto possa dar bons frutos é fundamental a humildade, no sentido dado a ela por Freire, pois, sem ela, facilmente poderíamos cair em antigos métodos dominadores. Além desse requisito, a transformação deve ter presente a inseparabilidade da reflexão/ação, como duas dimensões em constante diálogo e de maneira dinâmica, uma iluminando a outra. Por fim, é possível levar em frente esse plano, se feito em comunhão com os demais, principalmente, com os pobres, com aqueles que, insatisfeitos com a sociedade presente, sonham construir, coletivamente, um futuro em sintonia com o desejo profundo de cada um de “ser mais”.

## **O que Paulo Freire entende por humanização<sup>1</sup>?**

Essa questão é trabalhada por Freire numa espécie de binômio humanização/desumanização, ou seja, mostra a dinâmica de duas forças opostas presentes na realidade da espécie humana. É uma batalha em que a força dominadora pretende impor sua visão e discurso sobre os pobres e estes, opostamente, clamam por libertação. Para perceber o sentido do que é a humanização em Freire, é necessário também entender o seu oposto. Há, portanto, sempre uma dupla face na busca da resposta à pergunta acima. Por um lado, a afirmação do que é humanizar, e, por outro lado, o que não é, ou seja, a negação do direito de ser. Para entender o que é “ser”, se faz necessário também entender o que é “não-ser”<sup>2</sup>. Por isso, a resposta não se dá somente na afirmação, mas na manifestação do “ser” e do “não-ser” como duas dimensões para compreender o que afinal é libertar, tornar o indivíduo

- 1 O “humano” é algo a ser construído, ou seja, não nascemos humanos, mas nos tornamos tal. Humanizar, na acepção de Freire, pode ser interpretado como sinônimo de “tornar-se sujeito”. Ora, sujeito, na linguagem freiriana é alguém que se tornou agente, que atua como protagonista e não um mero receptor de ordens e conhecimentos. Humanizar é sinônimo de sujeito, ou seja, de quem era indivíduo e passou a ser sujeito.
- 2 O “não ser” pode parecer contraditório, uma vez que sempre somos de alguma forma, por isso, não ser já é uma forma de ser. No entanto, é preciso entender esse termo no sentido de negação de ser dos indivíduos ou o impedimento de que sejam. Por isso, é muito mais uma violação do “ser” do que um “não-ser”.

sujeito. É possível entender o sentido da humanização nesse binômio do afirmar o que é, e o que não é. Pois afirmando o que não é já é uma forma de dizer o que é, num certo sentido, embora não de maneira afirmativa. Ora, negar que algo não é isto ou aquilo é uma maneira de dizer o que é, porém, de maneira negativa, dizendo o que não é.

O discurso da acomodação é passivo frente à realidade opressora, considera o abuso como parte da natureza, à qual todos devem se adaptar. Estar sob a carga da opressão é uma “falta de sorte” de muitos ou destino inevitável. Desencoraja qualquer atitude de rebeldia ou insubordinação contra o mundo da crueldade e exploração. Essa exaltação do ajustamento ao mundo faz com que os oprimidos permaneçam imobilizados, “anestesiados” de qualquer revolta justa. Essa ideologia é negadora do ser, negadora da libertação, pois jamais aprovará quem não estiver em sintonia com a sociedade e com as ideias conservadoras:

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política (FREIRE, 2009a, p. 45).

Nesse sentido, inversamente à concepção da imobilidade, tornar-se humano é justamente não

permanecer silenciado perante o mundo, mas pronunciá-lo criativamente e acreditar na mudança e na possibilidade de construir algo diferente. Trata-se de tornar o indivíduo<sup>3</sup> um agente capaz de alterar a realidade social e moldá-la diferentemente daquilo que ela está sendo no momento. Implica em sair da acomodação ou da passividade para se lançar na busca da construção de uma nova sociedade, de um novo modo de ser e agir.

Além disso, o discurso da dominação jamais pode ser dialógico, pois se dialoga, já não seria dominador e, se continua a subjugar, é sinal de que seu “diálogo”<sup>4</sup> é apenas aparente e só se dá num momento para depois voltar a subjugar, negando ao povo a verdadeira práxis que liberta. O direito de pensar, de questionar, de denunciar a opressão, de transformar o mundo, é, obviamente, negado às massas populares e, quando o fazem, são consideradas subversoras, perigosas e todo tipo de adjetivos negativos lhes é fixado. Também não há porque esperar que quem domine use de meios não dominadores para com os subjugados, e se o faz, é por se ter equivocado ou por estratégia, “dialogando” para

---

3 Indivíduo, na linguagem freiriana, é aquele que está simplesmente na sociedade, ou seja, está de forma passiva e não ativa, pois não criou autonomia, servindo de peça de encaixe, e somente obedece a comandos. Porém, em outros momentos, apenas indica alguém em sua particularidade ou qualquer um na sociedade.

4 O diálogo, além de ser uma relação horizontal entre sujeitos, isto é, de A com B, requer adquirirmos determinados comportamentos ou capacidades, como por exemplo: o amor às pessoas e ao mundo; a humildade de quem não sabe tudo nem é um absoluto ignorante; a confiança e é fé na capacidade dos seres humanos; a esperança ativa, que busca a transformação da sociedade; e, por fim, o pensar crítico que olha a realidade social como problema e desafio (FREIRE, 1967, p. 107).

tirar algum proveito mais adiante. Caso não tenha se enganado, a única explicação é a sua conversão aos dominados, e no caso afirmativo dessa proposição, deixaria de ser um dominador.

O processo que implica na passagem de uma atitude opressora para a de “amigo da causa” de libertação dos oprimidos, dos empobrecidos e de tantos homens e mulheres que vivem em situações desumanizadoras, é um caminho longo e de não fácil percurso. É preciso considerar que o opressor nasceu, cresceu e “bebeu” desses antivalores desde o berço e, portanto, uma mudança profunda não será como um toque de mágica, nem se dará em linha reta, mas progressivamente. Além disso, não poderá fazer essa “conversão” sem ajuda do povo, sem apreender dos pobres, sem olhar as feridas e as injustiças de frente, sem avaliar e reavaliar suas atitudes e ações. Não poderá efetivar as mudanças de forma isolado, principalmente, as estruturais, mas em comunhão, andando e sempre apreendendo com os outros. O opressor deixará de ser opressor, posicionando-se em favor dos excluídos – em palavras e atos -, porém, não como quem “liberta” – ainda que também faça a sua parte -, nem como quem é o possuidor e dono desse processo, mas como quem é libertado e busca com o povo a libertação, a qual considera um direito e não uma doação.

Entretanto, é importante perceber que a dominação pode ser exercida diretamente ou mesmo veladamente, impondo ou incutindo crenças sociais nos subjugados, cuja moldura é feita através da “educação bancária”<sup>5</sup>, que põem uma espé-

---

5 O termo “bancário” traz consigo a ideia de que os outros são apenas depositários do conhecimento e das ordens, as quais devem obedecer, sem perguntar a razão.

cie de “camisa de força”<sup>6</sup> nos oprimidos, para que estes continuem na situação de explorados em que se encontram. Contrariamente a essa visão, existe a educação revolucionária<sup>7</sup> ou problematizadora, que busca libertar os indivíduos, para que, progressivamente, consigam a emancipação.

A busca de libertação passa por uma espécie de desmistificação da falsa consciência do mundo, tirando toda a alienação que fora imposta autoritariamente pelos poderosos sobre os despossuídos e sem poder. Quando cômicos de suas potencialidades e da própria escravidão física e intelectual na qual estão, percebem a possibilidade de libertação<sup>8</sup> e do nascimento de um novo agente social. Ora, alguém só pode “ser” à medida em que permite que o outro “seja” e vice-versa. “Sou” enquanto deixo o outro “ser” e o outro “é” enquanto permite que eu “seja”. Não posso “ser” isoladamente, ainda que isso signifique estar cercado de coisas e bens. O “ter” e o “poder” excessivo de alguns impedem que outros, escassos de “ter” e “poder”, “sejam”. No entanto, mesmo os primeiros que possuem não “são”, na medida em que estão escravizados por suas posses, e, conseqüentemente, “são” menos, ainda que os despossuídos sintam mais radicalmente a sua própria negação.

---

6 A “camisa de força” segura os indivíduos dentro de regras e padrões pré-estabelecidos pela sociedade, não importa se essas regras são justas ou injustas.

7 Revolucionário não no sentido de uso de armas e da violência, mas no sentido de transformação social, o que implica em certa tensão, pois quem domina dificilmente será passivo frente aos que querem mudar a realidade social, política e econômica.

8 Libertação significa a emancipação dos indivíduos de todo o tipo de escravidão, seja ela política, econômica, sociológica, psicológica ou mesmo cultural.

Na educação “bancária” toda essa injustiça e negação do “ser” é amenizada e camuflada, tornando a imposição do “ser menos” sobre a maioria como algo dentro da “normalidade” das coisas e da história. Ainda que essa educação mostre os problemas da sociedade, não incentiva a emancipação dos oprimidos, mas, ao contrário, diz que “as coisas são assim mesmo”, não adianta lutar ou tentar mudar, é destino da humanidade e não há como alterar a situação, e, quando o faz, visa apenas suavizar a situação:

Para a prática “bancária”, o fundamental é, no máximo, amenizar esta situação, mantendo, porém, as consciências imersas nela. Para a educação problematizadora, enquanto um que fazer humanista e libertador, o importante está, em que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação. Por isto é que a educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo. O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulta a sua humanização (FREIRE, 2009c, p. 43).

Já a educação problematizadora<sup>9</sup>, embora reconheça os condicionamentos sociais e as dificuldades de fazer mudanças, jamais olha com pessi-

---

9 Quem desconfia da necessária estrutura social percebe que o mundo “humano” não é algo acabado, mas que antes é um problema, cujas respostas podem ser variadas e não estáveis como se uma única resposta fosse a verdadeira, por isso, a realidade aparece como problema e não como necessidade.

mesmo a luta pela transformação dessa realidade, antes, incentiva que os homens submissos pela dominação, busquem sua emancipação. Aqui, o mundo é apresentado como problema e desafio, e não como realidade a qual devamos nos acomodar. Não há possibilidade de conciliação entre essas duas formas de “educação”, pois uma oprime e a outra liberta. A que liberta acredita nos indivíduos e em sua capacidade criativa e libertadora.

Apostar numa proposta de humanização requer crença nos homens, principalmente em sua capacidade de criar, de modificar, de melhorar a vida e as condições sociais, econômicas e políticas. Mesmo um educador, se deseja realmente a humanização, deve incentivar os alunos a serem pesquisadores ativos, a pensarem criticamente, e não entregar um saber pronto que deixa os estudantes numa situação de passividade e de meros receptáculos do conhecimento. Trata-se da criação de um pensar autêntico<sup>10</sup>, ou seja, que possam pensar por eles mesmos, relacionando o conhecimento com a realidade e tomando posicionamentos pessoais, buscando justificar argumentativamente as afirmações ou a razão de suas posições. Porém, a “educação bancária” simplesmente deposita o conhecimento nos indivíduos e estes estão sujeitos a concordar com tudo o que é dito, pois não lhes cabe serem sujeitos de seu conhecimento, mas de receber informações sem pensar ou questionar sobre a

---

10 O “pensar autêntico” é aquela forma crítica de olhar a sociedade em seu conjunto, com conhecimento político das relações e da própria realidade pessoal. É um pensar que engloba reflexão/ação como se fosse uma única moeda. É um pensar que alimenta a esperança na possibilidade de formar um mundo mais humano. É considerar as coisas não de maneira dicotomizadas, mas interligadas e mesmo entrecruzadas.

importância de tudo aquilo. Além disso, a realidade lhes é, muitas vezes, apresentada como algo estático e não dinâmico.

Também a ciência<sup>11</sup> é usada na mesma lógica alienante<sup>12</sup> pela “educação bancária”, a saber, manter os indivíduos alienados e, no máximo, permitir que sejam treinados para manter a máquina do sistema injusto. Importa saber apertar peças e conhecer a lógica das máquinas, independentemente se elas “coisifiquem” os trabalhadores ou não. Já na “educação revolucionária” a ciência serve como promotora dos indivíduos, para que possam se tornar sujeitos<sup>13</sup>. Nessa perspectiva, a reflexão sobre a ciência e sua razão de ser, como também de sua viabilidade ética, é de fundamental importância por tocar na forma de organização da vida individual e coletiva dos indivíduos e grupos, bem como por afetar sua cultura e costumes. A educação humanista, necessariamente, usa a ciência para tal fim, a saber, tornar os indivíduos sujeitos e donos do processo da ciência, negando todo uso desumanizante que ela possa implicar. Jamais a “educação bancá-

---

11 Sobre o uso ideológico da ciência é importante ressaltar que na história alguns “cientistas” pretenderam demonstrar, no passado, a “superioridade” da assim chamada “raça branca” sobre as demais. Além disso, é comum que o trabalhador aprenda a manejar eficientemente as máquinas, mas seja analfabeto sobre os interesses políticos e econômicos por detrás dessa tecnologia.

12 Karl Marx usa o termo “alienação” para designar a expropriação dos bens produzidos pelo trabalhador e que se tornaram alheios a ele, ou seja, deixaram de pertencer ao seu autor originário e passaram a ser mercadoria, cuja identidade com seu autor foi perdida (MARX, 1982).

13 Sujeito, na linguagem freiriana, é quem assume uma posição de agente, de ator, de questionador e construtor da sociedade, num movimento dialético de reflexão/ação, feito durante toda a vida.

ria” poderá ser libertadora, pois nela a máquina a ser inventada ou o produto a ser feito é mais importante que o usuário do instrumento, uma vez que não importa se inventando uma arma ela seja destruidora de milhares de vidas, mas sim a eficiência do invento e seu uso para dominar ainda mais:

Esta é a razão pela qual o quefazer opressor não pode ser humanista, enquanto o revolucionário necessariamente o é. Tanto quanto o desumanismo dos opressores, o humanismo revolucionário implica na ciência. Naquele, esta se encontra a serviço da “reificação”<sup>14</sup>; nesta, a serviço da humanização. Mas, se no uso da ciência e da tecnologia para “reificar”, o sine qua desta ação é fazer dos oprimidos sua pura incidência, já, não é o mesmo o que se impõe no uso da ciência e da tecnologia para a humanização. Aqui, os oprimidos ou se tornam sujeitos, também, do processo, ou continuam “reificados” (FREIRE, 2009c, p. 75).

O “que fazer” humanista não dispensa a ciência, que é fundamental para a compreensão do mundo atual. Uma das diferenças está no objetivo a ser atingido. Porém, o objetivo, em si mesmo, não é o único fator a ser considerado, pois também devemos analisar como ela é feita, quais os recursos ela usa, quem participa de sua construção, quais saberes e métodos valoriza, como ela é pensada e quem ela favorece. Neste sentido, há um conjunto de dimensões a serem avaliadas. Enquanto o “que fazer” dominante usa a ciência para aumentar o

---

14 Reificação: sf (reificar+ção). Filosoficamente é o momento, dentro do processo de alienação, em que a característica de ser uma “coisa” se torna típica da realidade objetiva.

seu comando, tornando os indivíduos meros objetos ou “coisas” para satisfazer seus próprios desejos pessoais, a razão humanista, pelo contrário, usa a ciência como meio para gerar novos indivíduos, para tornar a vida mais livre de qualquer espécie de escravidão. Além disso, os indivíduos se tornam sujeitos do próprio processo tecnológico, refletindo sobre seu real uso. Nesse sentido, a tecnologia em vez de ser inimiga, como no caso do uso explorador, é um meio para ajudar e gerar mais vida humana, sem dominação, sem escravidão nem subjugação. Por isso, a sociedade revolucionária não poderá dar a mesma finalidade dada pela sociedade dominadora à tecnologia, cujas estruturas injustas necessitam de superação:

Para alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é imprescindível a superação das “situações-limites”, em que os homens se acham quase coisificados. Em círculos menos amplos, nos deparamos com temas e “situações-limites”, características de sociedades de um mesmo continente ou de continentes distintos, que tem nestes e nestas “situações-limites” similitudes históricas. A “situação-limite” do subdesenvolvimento, ao que está ligado o problema da dependência, é a fundamental característica do “terceiro mundo”. A tarefa de superar tal situação, que é uma totalidade, por outra, a do desenvolvimento, é, por sua vez, o imperativo básica do Terceiro Mundo (FREIRE, 2009c, p. 54).

Num mundo caracterizado pela tirania, cujas consequências são a criação de “situações-limi-

tes”<sup>15</sup> só é possível mudar através do desmantelamento dessas barreiras, historicamente e socialmente criadas. Limites feitos pelos próprios homens, mas que de nenhuma maneira são intransponíveis ou determinados definitivamente. Contudo, a continuação dessa delimitação significará a permanência da desumanização de milhares de indivíduos, cuja existência e direito de ser lhes foi recusado. A dependência criada é uma verdadeira sujeição, “coisificando” os indivíduos, que gastam suas vidas submissos ao interesse dos dominadores. Entretanto, o primeiro passo, para vencer o empecilho da escravidão, é tomar consciência dessa realidade, para em seguida agir, modificando a situação exploradora.

O pensar crítico está sempre em busca da transformação permanente da realidade e do mundo dos homens. O espaço é temporalizado, ou seja, não é o espaço que determina minhas ações e como devo me comportar diariamente, mas sou eu que determino como o espaço deve ser e o que farei do mesmo, seja em sua estrutura física, seja em torno da relação humana que criarei junto como os outros naquele espaço. Sou um moldador do espaço através do tempo e não é o espaço que me molda, ainda que haja muitas estruturas físicas já estabelecidas. À medida que atuo sobre o espaço ele vai tomando forma, porém, uma forma que poderá ser modificada futuramente, dependendo do contex-

---

15 As “situações-limites”, em Paulo Freire, são as barreiras contrapostas ao crescimento dos indivíduos, e por isso, devem ser vistas como impedimentos e não como possibilidades de ser, pois não se trata dos limites no sentido de desafio, mas como obstáculos impostos contra os indivíduos. Nesse sentido, Freire fala de subdesenvolvimento, de miséria estrutural e de injustiças etc.

to e das necessidades. O mesmo se diga das relações humanas que acompanham estruturas feitas segundo a visão e ideologia<sup>16</sup> de quem trabalhou sobre o mundo. A relação poderá ser de dominação, se adoto a ideia de que a opressão é inevitável e que nos resta fazer o que os subjugados fazem. Posso, todavia, criar uma relação de diálogo se acredito que um novo mundo é possível, que o diálogo não é um mero palavreado, mas uma possibilidade real e humanizadora. Entretanto, essa crença exige coragem e a ousadia de aventurar-se, de buscar respostas aos problemas sociais, de arriscar mesmo sabendo que os fracassos são possibilidades reais. Além disso, exige muito mais do que a satisfação das necessidades básicas, ainda que também as implique; exige gente responsável e que tenha amor pela vida e pela luta:

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se”. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fo-

---

16 Marx falava da ideologia como sinônimo de falsa consciência, uma espécie de visão distorcida ou enganosa da realidade, que não permite ver, pela abstração teórica de sua linguagem e discurso, as causas e o funcionamento real do sistema capitalista em seu conjunto (MARX, 1982).

mentam a existência de autômatos, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte. Os oprimidos que se “formam” no amor à morte, que caracteriza o clima da opressão, devem encontrar, na sua luta, o caminho do amor à vida, que não está apenas no comer mais, se bem que implique também nele e dele não possa prescindir (FREIRE, 2009c, p. 31).

A necessidade da humanização é percebida, principalmente, por quem se sente desumanizado, a saber, a maioria dos oprimidos. Porém, vencer as barreiras que anulam os indivíduos só é possível quando quem busca se libertar não queira fazê-lo seguindo os mesmos métodos adotados pelos opressores, pois não há verdadeira libertação se os meios a serem usados forem de negação do outro, seja quem for esse outro. No entanto, a verdadeira liberdade<sup>17</sup> é muito mais do que comer bem ou satisfazer as necessidades básicas; é, antes, uma ousadia em criar o novo, é fazer história agindo, construindo e aventurando-se na busca de novas formas de sociedade. Isso não significa ser simplesmente um “liberto da escravidão”, mas quem, libertando-se daquilo que o prendia busca, ativamente, transformar o mundo com responsabilidade. Essa luta é direito de quem, percebendo a exploração, sonha e enxerga no horizonte a possibilidade de um mode-

---

17 A “liberdade” numa perspectiva de conquista dos direitos e na consequente autonomia do indivíduo, que exerce e participa da democracia ativamente. É, portanto, uma liberdade conquistada socialmente e em colaboração com os demais. O individual não pode ser separado do coletivo, pois as ações verdadeiramente livres são as que promovem a sociedade como um todo, ou seja, que atendem a todas as liberdades.

lo totalmente diferente do usado pelo “patrão” e pelos “donos” da sociedade. Diferentemente dos tiranos que dominam, o processo de humanização começa, em primeiro lugar, pelos pobres que, não seguindo o modelo dominante, possuem a sensibilidade da verdadeira humanização. Isso é possível se tiverem expurgado o dominador dentro deles próprios e não permanecerem contaminados pela ideologia do abuso e do poder que massacra os demais. Ora, quem reprime só percebe a sua própria prática como a melhor, contrariamente a quem sofre a dominação, que consegue ver quais são as práticas que não humanizam e, quando acompanhado de verdadeira reflexão, possui a capacidade de descobrir outro caminho, diferente daquele implantado na sociedade.

Entretanto, os que buscam libertar-se de toda opressão, procurando agir em favor da própria liberdade, são vistos, pelos que oprimem, como subversores, como insubordinados ou mesmo como perigosos, uma vez que não aceitam a opressão que terceiros lhes querem impor. Todavia, só podem ser livres à medida em que buscam agir contra os obstáculos que os impedem de ser. A humanização não é algo que surge sem esforço, exigindo trabalho constante para sair da condição de “coisa”, que foi imposta por terceiros sobre os oprimidos. Além disso, uma vez coisificados, é custoso o trabalho de mudança para um novo projeto, agora em vista da construção de um sujeito, que já não seja mais mero número social ou indivíduo entre tantos outros. A necessidade desse novo projeto para o surgimento de um novo agente se faz indispensável devido à constatável desumanização presente

em nossa sociedade<sup>18</sup>, onde as desigualdades e injustiças reinam de maneira imperiosa.

A preocupação com a humanização não só consiste em reconhecer a desumanização como possibilidade, mas como realidade histórica constatável. Pois, só a partir da percepção da real desfiguração e negação dos indivíduos em seu direito de ser, é possível apostar numa outra viabilidade, cuja raiz, como a primeira, deriva da inconclusão dos indivíduos, que não estão formatados definitivamente na história, mas foram erigidos, muitas vezes, de forma violenta e injusta, numa perspectiva de desumanização, sendo-lhes roubado o direito de projetarem suas próprias vidas, dependendo de alguém exterior que, de alguma forma, impôs uma maneira de ser alienante de si mesmos. Ora, a ordem social não é uma estrutura dada, mas foi sendo constituída e construída durante o processo histórico. Da mesma forma, o indivíduo não nasce pronto para obedecer a certos comandos, pois não é máquina, mas alguém que pode escolher as suas ações e, como tal, só pode ser sujeito se ele próprio for o responsável primeiro daquilo que irá construir de si mesmo. Já no mundo concreto, dificilmente somos incentivados a projetarmos a nós mesmos, mas outros querem nos projetar segundo seus desejos, independentemente do que pensamos ou gostaríamos de ser.

A palavra é o modo de nos comunicarmos, entretanto, ela aparece, originariamente, por meio

---

18 Uma análise de conjuntura constata a existência de milhares de indivíduos em pobreza extrema. Além disso, muitas pesquisas apontam que, na época em que o liberalismo econômico era mais forte, “os pobres se tornaram mais pobres e os ricos mais ricos”, confirmando o que foi dito acima. A explicação disso está no próprio sistema econômico e não na “falta de sorte” dos indivíduos.

da intersubjetividade<sup>19</sup>, pois não aprendemos a falar isoladamente, mas com os outros. Também o mundo é expresso por meio dela, interpretando socialmente e culturalmente a maneira de entender a realidade. A palavra é, portanto, em sua origem, diálogo, pois é no confronto com seres falantes que aprendemos. Assim como a palavra nasce na intersubjetividade, também o mundo social nasce pela comunicação e colaboração. Todavia, o monólogo opressor impõe a sua fala e cala os demais em seu direito de se expressar e, calando, desumaniza e impede os demais de participar na construção do mundo. Não há monólogo ou dominação que possa humanizar, pois toda negação à palavra é não reconhecer o outro, é impor uma única forma de ver as coisas, é tirar a identidade do outro.

Para ser parte ativa do mundo é necessário comunicar-se a partir da intersubjetividade e, nesse sentido, deve ser um diálogo, para que o outro possa expressar a sua maneira de ver o mundo. Essa expressão abre o mundo comum das consciências<sup>20</sup>,

---

19 A intersubjetividade se manifesta através da relação de um “Eu” com um “Tu”, que é uma relação entre sujeitos e não entre objetos. É uma relação entre indivíduos que aprendem juntos, que buscam juntos a humanização e respeitam o outro em seu direito de ser sujeito, de ser mais. Por outro lado, há também os objetos, que mediatizam essas relações. Dessas relações ninguém pode fugir - ainda que possa escolher a forma de se relacionar - pois todos somos seres históricos e nascemos num mundo concreto de indivíduos e objetos, o que faz de nós seres de relação, de contato, intersubjetivos.

20 Consciência, para Freire, é muito mais do que perceber a própria existência ou perceber-se como um ente que pensa, e, portanto, que existe. É alguém que avança no conhecimento político de sua existência social, é quem cresce em sua compreensão política e em seu próprio papel de sujeito social, de transformador. Nesse sentido, criar consciência é, sobretudo, tornar-se um sujeito político que conhece e age sobre a sociedade.

uma vez que cada um busca, em diálogo com o outro e em colaboração, expressar o mundo. A palavra, enquanto diálogo, é criadora e humanizadora. Porém, o monólogo é a negação das consciências em seu direito de se promulgarem como também a negação do reconhecimento do outro como ser de palavra. No entanto, o mundo das consciências intersubjetivas só é real quando de fato houver a colaboração entre os diversos segmentos sociais, do contrário, é manipulação sobre a maioria. Pois se a visão de alguns poucos prevalece sobre os demais, sem confronto com a diversidade de ideias, já não há reconhecimento, mas afirmação e solilóquio de um pequeno grupo. A construção social é colaboração quando há reconhecimento do outro como sujeito e não como autômato:

Se o mundo é o mundo das consciências intersubjetivadas, sua elaboração forçosamente há de ser colaboração. O mundo comum mediatiza a originária intersubjetivação das consciências: o autorreconhecimento plenifica-se no reconhecimento do outro; no isolamento, a consciência modifica-se. A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, promovem-se, é a tessitura última do processo histórico de humanização. Está nas origens da “humanização e anuncia as exigências últimas da humanização. Reencontrar-se como sujeito e libertar-se, é todo o sentido do compromisso histórico. Já a antropologia sugere que a “práxis”, se humana e humanizadora, é a “prática da liberdade” (FREIRE, 2009c, p. 9).

O mundo social é construção que se dá por meio da ação entre várias subjetividades, ou seja,

entre consciências que colaboram e moldam o mundo<sup>21</sup>. Por isso, a cooperação na elaboração do mundo é parte constitutiva da construção social. O processo histórico de humanização passa, necessariamente, pelo encontro, enfrentamento, reconhecimento das consciências, numa relação de intersubjetividade. Sou enquanto o outro me reconhece e eu reconheço o outro, do contrário, não posso ser se não reconhecer que o outro também tem o direito de ser. Entretanto, o processo que faz com que não sejamos meros autômatos e que nos distingue dos demais animais é, justamente, o não estarmos determinados política, econômica e socialmente, apesar de haver muitos condicionamentos nessas dimensões. Trata-se da prática da liberdade, característica da espécie humana, que só é possível pelo fato de não estarmos determinados a agir segundo princípios cristalizados e definitivos. A prática da liberdade sugere alguém com consciência própria, que pense por si mesmo, que decida sem ser coagido. Por isso, a “práxis” faz do indivíduo, a princípio sem identidade, um sujeito, com identidade<sup>22</sup>, pois sua ação é decidida por ele e por mais ninguém, ou seja,

---

21 Porém, seria ingênuo pensar que as estruturas sociais são apenas fruto de nossas vontades, mesmo que coletivas, uma vez que elas são, em grande medida, a cristalização de estruturas injustas às quais a maioria é obrigada a se submeter para sobreviver e que, ainda que não concorde com elas, não possui, por hora, o poder político para modificá-las. Além disso, há um grupo que sustenta e apoia tais estruturas.

22 Identidade sugere uma estrutura particular e pessoal. Essa ideia pode ser sustentada pela constatação de que nós, em condições normais, não nos confundimos com os demais objetos, ou seja, é possível distinguir entre o “Eu” e o “Tu”, sem o qual, sequer poderíamos ter consciência de nossa própria existência. Outra questão é a natureza desse singular, que pode ser estático ou dinâmico.

age daquele jeito sem ser constrangido, mas por ele próprio considerar essa a melhor ação. O reconhecimento de sua natureza de agente, de sujeito, significa que ele é diferente dos demais animais e mesmo das máquinas e dos produtos que fabrica. Percebe que seu trabalho é parte de si e que jamais pode ser confundido com mercadoria ou com “coisas”, como se fosse qualquer objeto de manipulação. Por isso, tendo uma consciência crítica, descobre o quanto a exploração e a “mais-valia”<sup>23</sup> é um roubo e o não reconhecimento de parte de sua natureza de sujeito. Ora, o fato do trabalhador ser forçado a vender a sua mão de obra, transforma parte de seu corpo em algo a ser vendido, ou seja, em objeto, em mercadoria, que pode ser a sua força física ou, caso seja um operário especializado, seu conhecimento intelectual e técnico. Porém, no contexto atual do capitalismo temos uma nova configuração, em que o capitalismo produtivo, próprio do contexto industrial, vai cedendo seu espaço para o capital especulativo. Se antes predominava a lógica de investimento na produção de mercadorias e, na venda destas para gerar lucros, isto é, mais capital, no contexto mais recente, a relação é cada vez mais de caráter “puramente” econômico, isto é, de modo bem simplificado, “dinheiro” gerando “dinheiro” e, assim, sucessivamente, em que a mercadoria é o próprio “dinheiro” em suas diferentes formas econômicas. É o que se chama de capital especulativo, fictício ou até de capital improdutivo (DOWBOR, 2018).

---

23 “Mais-valia” é um termo marxista que designa a parte do trabalho não pago ao trabalhador, mas que foi embolsado compulsoriamente pelo empregador. Em outras palavras, é a diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador, que é muito inferior (MARX, 1982).

A consciência crítica luta, conseqüentemente, contra qualquer coisa que a iniba ou que a anule, que negue a si e aos outros o direito de ser. No trabalho, especificamente, é contrária à expropriação de quem produz, isto é, a parte que é tirada, arbitrariamente, pelo patrão do empregado. O sujeito consciente percebe que a sua condição é de agente e, portanto, deve ser tratado como tal. Esse novo agente tem no diálogo a essência de sua relação com os demais, pois estes outros também não são objetos e, por isso, são reconhecidos como sujeitos com os quais é necessário dialogar, cuja prática constitui o ponto central da ação revolucionária.

Porém, deve ficar claro que o diálogo não é apenas uma parte do processo, ou seja, um momento é dialógico e outro momento é revolucionário. O diálogo deve estar presente em todas as etapas, em todos os momentos, pois só por esse meio é possível chegar ao objetivo. Seria contraditório falar em humanização usando meios antidialógicos e desumanizadores. Por outro lado, é preciso ter clareza em relação à natureza do diálogo na ação humanizadora, que não deve ser confundido com simples paternalismo, com concessão ou favor feito às massas populares. Pois o verdadeiro revolucionário verá nele o fundamento da verdadeira transformação social.

O diálogo não é estratégia de dominação, mas condição vital para a real construção de um novo sujeito, que rompe com os laços não só materiais, mas também ideológicos de dominação e opressão, que sempre serão antidialógicos. O mesmo se diga da relação com o povo oprimido e as massas, cuja pri-

meira condição, para o agente humanista, é a não continuação da alienação nem o uso do mesmo discurso alienante e vazio de quem oprime. Deve, portanto, ser desde o começo uma fala transparente e que busque ações concretas com o povo e não para o povo:

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2009c, p. 38).

A verdadeira libertação é práxis, que deve estar acompanhada da reflexão sobre o mundo que se busca transformar. De nada servem as palavras vazias, nem a falta de visão crítica sobre o mundo, uma vez que é fácil reproduzir um sistema de opressão, traindo, dessa maneira, o propósito de humanizar e transformar as próprias estruturas sociais. A primeira condição é não “vender” discursos falaciosos aos homens e às mulheres, mistificando a realidade social, no sentido popular do termo. Sem o desmascaramento da manipulação ideológica existente, não é possível a libertação. Transformar o mundo não é possível com simples palavras, mas também não acontece num toque de mágica, pois é um processo cujo horizonte sempre aponta para uma nova caminhada a ser reconstruída e refeita. É comum, na política, a proclamação de promessas que são quase impossíveis de serem executadas. Tal atitude

é própria de quem quer dominar ou que internalizou o “patrão” e, por isso, apresenta-se como o salvador dos pobres e como quem já tem a resposta para os problemas; contrariamente à prática libertadora, que busca as respostas com os outros, sem prometer grandezas inalcançáveis, mas também sem perder a esperança na força e na capacidade de transformar o mundo, ainda que na condição de colaborador. O revolucionário não é o dono da revolução, pois para ele todos devem ser “heróis”, uma vez que todos trazem a semente do “ser mais”, de serem sujeitos, coisa que não é prerrogativa de um grupo minoritário. Seria contraditório se quem, pretendendo realmente ajudar o povo a se libertar de todo jugo, usasse de métodos de manipulação, de juramentos falsos e de imposições típicas de déspotas. A conscientização requer coerência em todas as dimensões, seja nos métodos, seja na maneira de encarar a prática social, seja na forma de refletir junto ao povo. Por isso, conscientização é muito mais que constatação científica da conjuntura social, econômica e política, pois está entrelaçada à “práxis”, à ação que sempre visa melhorar a vida dos indivíduos, tornando-a humana, e conseqüentemente, melhor.

Não podemos separar o ato mental de refletir sobre a sociedade de sua ação, já que para Freire a conscientização é a junção da prática social com a reflexão como dois aspectos interligados de tal maneira que não possam ser separados, ainda que na prática possa haver um momento específico de reflexão e outro de ação. Conforme essa perspectiva, a conscientização é muito mais do que o conhecimento do conteúdo ou da situação política, econômica e social, mas é a interpenetração da reflexão

com a ação. Dito de outra maneira, no momento em que o sujeito reflete sobre a sociedade, ele já pensa o que fazer e como agir em sua prática e, quando está trabalhando ou fazendo algo, também está pensando sobre qual dimensão poderia aprofundar ou pesquisar mais, num outro momento. Dessa maneira, a conscientização não se reduz a mera visão da conjuntura mundial e de seus problemas, mas ainda que não descarte essas dimensões, lança um olhar para as possíveis mudanças a serem efetivadas por meio da intervenção na realidade.

A humanização é, portanto, um processo e uma caminhada a ser feita. E, segundo Freire, implica na observação dos requisitos básicos como o diálogo, a busca de superar o papel de indivíduo para se tornar sujeito, a formação permanente no modelo de “educação revolucionária”, a visão do mundo como problema e não como resposta definitiva, própria do pensar autêntico. Também envolve a crítica à ideologia científica que desumaniza e aliena os homens e as mulheres. Humanização, igualmente, implica superação das “situações-limites” e da “falsa consciência”, formando uma nova consciência política e que, além de amar a liberdade, busca na intersubjetividade a construção de um mundo novo. Porém, não poderia faltar, entre os requisitos, a esperança como tempero para a luta e a transformação, que está baseada na compreensão do inacabamento do indivíduo, mas também na percepção de que a realidade não é uma necessidade cristalizada, senão algo construído historicamente. Enfim, implica em não dicotomizar reflexão/ação, já que uma depende da outra para que o mundo possa ser transformado.

## **Quais os argumentos que fundamentam a existência da vocação<sup>24</sup> ontológica<sup>25</sup> para a humanização<sup>26</sup>?**

Uma proposta de humanização só é possível com a justificação e fundamentação da existência ontológica dessa possibilidade, a saber, de que existe em cada um a pré-tendência ou mesmo algo constitutivo que nos inclina a um projeto de vida com o qual nos sentimos mais realizados, integrados, livres e felizes<sup>27</sup>. É a pergunta que fazemos sobre a humanização e sua natureza ontológica, sobre a real possibilidade do indivíduo de humanizar-se. Dito de outro modo, é a pergunta sobre a existência de uma natureza ontológica ins-

---

24        Vocação é uma espécie de inclinação a qual nos sentimos chamados. Algo que desperta nosso interesse e nos direciona, seja ela uma profissão, determinado trabalho ou mesmo uma capacidade específica como, por exemplo, um talento artístico.

25        O ontológico trata do “ser”, sendo que o estudo do mesmo é feito pela ontologia. Falar da natureza ontológica é perguntar pela existência de uma estrutura inerente aos indivíduos. Em outras palavras, se há algo que, fazendo parte essencial da natureza humana, chama a mesma a se humanizar. Pois, do contrário, seria gratuito o discurso da vocação pela humanização.

26        No capítulo anterior foi visto que a humanização é um processo que depende do desenvolvimento de capacidades básicas como o diálogo, a reflexão unida à ação, a autocompreensão de ser um projeto, a esperança como condição para se lutar pela transformação, uma educação revolucionária que vê o mundo como desafio, a consciência política do mundo, da sociedade e da capacidade de intervir sobre o mesmo.

27        A felicidade também constitui um problema filosófico do qual não há uma única resposta possível e as respostas oferecidas são heterogêneas.

crita em cada um e que é passível de ser comprovada, oferecendo razões que demonstram o seu chamado ontológico de humanização presente no indivíduo. Porém, é importante ressaltar que não nascemos humanos, no sentido de uma identidade pronta e acabada, mas nos tornamos humanos. Humanizar é, na realidade, um projeto a ser construído durante a nossa existência, e não algo que surge naturalmente.

Todavia, antes de esclarecer esse termo, é mister considerar o sentido dado por Freire ao termo vocação. Esse sentido pode ser verificado no uso de termos similares como “provocação”<sup>28</sup> e “convocação”<sup>29</sup> com a palavra “vocação”. Por isso, não podemos confundir a palavra vocação com o uso religioso ou profissional corrente, ainda que possa ter algumas semelhanças conforme a nossa primeira definição. Trata-se, antes de tudo, da condição humana de precisar construir sua própria existência. É quando a consciência, se autopercebendo no mundo, não como um simples objeto qualquer lançado na realidade, mas como um ente que precisa se autoconstruir, como um projeto a ser feito, vendo que sua condição é a de agente, de elaborador do próprio mundo no qual vive e no qual cria seu próprio existir, dá sentido a suas intervenções e criações. Por isso, o mundo deixa de ser algo a ser simplesmente contemplado, e passa a se apresentar como “provocação” ao indivíduo, como um desafio que pede uma moldura, e, nesse sentido, uma “con-

---

28 Provocação é uma ação que afeta alguém ou uma coisa, mas também pode ser um desafio ou uma tentação (tender) de fazer alguma coisa

29 Convocação, no sentido imperativo de convocar, de chamar para algo importante a ser feito.

vocação” para agir sobre o mundo, humanizando-o. Por isso, os termos “vocação”, “convocação” e “provocação” possuem certa similaridade no que se refere a uma “ação” presente no indivíduo para algo. Ora, “vocação” é uma espécie de chamado ou palavra que convida para uma ação; “convocação” é como o clamor de uma voz que chama para a ação; e, “provocação” é uma espécie de movimento que produz uma reação. São três termos que pressupõem a existência de um movimento ou força no indivíduo que o impele para algo, para uma ação ou uma prática. É um movimento inerente<sup>30</sup> ao indivíduo e, por isso, nasce dele próprio como parte de sua estrutura. A própria consciência que capta o mundo não o vê de maneira indiferente, mas como possibilidade, como espaço de ação, de conhecimento, de construção e, por isso, de “provocação” e “convocação”:

[...] Na dialética constituinte da consciência, em que esta se perfaz na medida e que faz o mundo, a interrogação nunca é pergunta exclusivamente especulativa: no processo de totalização da consciência é sempre provocação que a incita a totalizar-se. O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação. E, como consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo (FREIRE, 2009c, p. 8).

A consciência se molda no próprio mundo à medida em que cria e recria a realidade. É um pro-

---

30 Inerente no sentido de que está no indivíduo, não de modo arbitrário, mas faz parte de sua natureza a presença desse movimento.

cesso de ampliação do conhecimento da realidade por meio da intervenção, reforçando e remodelando o que a própria consciência percebia anteriormente. A consciência será aquele constante movimento de percepção do mundo e de si mesma à medida em que vai agindo, intervindo, conhecendo, transformando a sociedade e seu espaço existencial, social, político e econômico. O mundo não é um mero contemplar, uma mera apresentação a ser olhada, mas uma “provocação” que inquieta o indivíduo e o lança no desafio de criar nesse mundo sua vida, sua identidade e seu lar. É uma espécie de “convocação” inerente à condição da espécie humana. O mundo aparece só dessa forma para uma espécie que não está nele como um objeto neutro e determinado, pois se fosse assim, apenas seguiria as leis da natureza já postas nele e nem poderia decidir o que fazer, uma vez que faria aquilo que os instintos naturais de sobrevivência exigiriam dele. Entretanto, o indivíduo é lançado no mundo e nele precisa construir a sua identidade. Porém, isso requer construção constante num processo que perpassa toda a sua existência. Além disso, não é algo estático, ou seja, que uma vez edificado terminou, pois a humanização é devir<sup>31</sup> que sempre está em movimento, que sempre está em transformação. A formatação da identidade do indivíduo é dinâmica, e, conseqüentemente, é mais parecida com um organismo vivo em constante metamorfose do que com um objeto determinado.

---

31 Termo usado pelo filósofo Heráclito referindo-se à constante mudança e o vir a ser das coisas na sua famosa frase: “O mesmo homem não pode atravessar o mesmo rio, porque o homem de ontem não é o mesmo homem, nem o rio de ontem é o mesmo do hoje” (SOUZA, 2000).

Pode se dizer que não somos, mas que aos poucos vamos sendo. Entretanto, a cristalização, a negação desse movimento de mudanças e transformações é justamente a negação “do ser”, é a desumanização e a deturpação da vocação ontológica de ser, de criar a própria história, de ser agente social, econômico e político:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O *sonho* é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz. Não sendo um *a priori* da história a *natureza humana*, que nela se vem constituindo, tem, na *vocação* referida, uma de suas conotações. É por isso que o opressor se desumaniza ao desumanizar o oprimido, não importa que coma bem, que vista bem, que durma bem. Não seria possível desumanizar sem desumanizar-se tal a radicalidade social da *vocação*. Não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser. É por isso que, como indivíduo e como classe, o opressor não liberta nem se liberta. É por isso que, libertando-se, na e pela luta necessária e justa, o oprimido, como indivíduo e como classe, liberta o opressor, pelo fato simplesmente de proibi-lo de continuar oprimindo (FREIRE, 2009b, p. 51).

Quem oprime, ainda que sua vida pareça ser de alguém livre, na realidade não o é de fato, pois quem proíbe o outro de ser, não pode também ser.

Ora, proibir o outro de ser é também “não-ser” e, condenando o outro, não posso ser. Sou enquanto permito e deixo o outro ser. Ao desumanizar o outro também me desumanizo e meu aparente sucesso social não é o da liberdade ou do “ser mais”, mas o de quem vive preso aos métodos da opressão e do “não-ser”. O oprimido é quem liberta o opressor e não o inverso, pelo fato de o segundo não perceber que a opressão que exerce sobre os demais também negue o seu próprio ser, pois a ideologia dominante falsamente impôs a ideia de que é livre aquele que domina, aquele que possui muitas riquezas e comanda os demais. Enquanto o oprimido, libertando-se da opressão e impedindo que o opressor continue seu domínio, o liberta de sua escravidão de opressor<sup>32</sup>. Não é possível ser e continuar a oprimir. A efetivação do sonho em que todos “possam ser” passa, necessariamente, pela ruptura com todas as amarras, com todas as prisões de ordem política, econômica, social e ideológica. É um refazer da própria história, é a superação opressor/oprimido. Não importa que, quem oprime, tenha uma vida de aparente “sucesso” e de bem-estar social, de acesso aos melhores bens de consumo, pois embora tenha tudo isso, continua desumanizado enquanto impede os outros de ser e os mantém sob o jugo da opressão.

Porém, “ser” ou “não-ser” são possibilidades históricas e possíveis de serem construídas socialmente, politicamente e economicamente. Todavia,

---

32 Os opressores são incapazes, por si mesmos, de se libertarem de sua própria ideologia de opressor na qual foram moldados e que exercem “naturalmente”. A pergunta (as) a ser feita é: como alguém toma consciência de que deve se libertar de sua condição de opressor ou de oprimido? Quais as razões dessa mudança e porque o deveria fazer?

embora ambas sejam possíveis de efetivação, não são, contudo, ambas a realização da vocação que verdadeiramente liberta. Por isso, uma é opressora e a outra é libertadora, uma subjuga e a outra cria autonomia.

A que escraviza nega aos indivíduos o direito de serem e não é vocação, pois ninguém é chamado a “não-ser” e nem deseja ser escravizado ou anulado, todos, pois, no íntimo querem ser, e “ser mais”, nunca ser menos. Nesse sentido, a injustiça, a exploração e opressão nunca são vocação, mas antes, negação da própria vocação. Toda violência é força que nega, que oprime e esmaga os homens e mulheres, sufocando o seu chamado, a sua inclinação de ser, de se humanizar. Para ambas, ou seja, tanto para a liberdade quanto para a escravidão, há uma educação específica, cujos métodos podem objetivar a dominação e adequação, ou a criação da autonomia<sup>33</sup> e de autores da sociedade. A que vai contra a vocação é aquela que “assistencializa”, inibindo a criatividade, “domesticando” os homens. Do lado oposto está a autêntica vocação que é libertadora e crítica<sup>34</sup>, questionadora do mundo e, principalmente, das estruturas sociais e econômicas feitas pelos homens e mulheres.

---

33 “Ser autônomo” é sinônimo de sujeito, e não pode ser confundido com o individualismo ou a autossuficiência, pois autonomia tem muito mais a ver com identidade própria, com o pensar próprio e firmeza pessoal nas próprias convicções políticas e sociais. Já o egoísta é alguém fechado em si mesmo e que só pensa em seus próprios interesses.

34 O crítico não é simplesmente, no pensamento freireano, aquele que aponta os defeitos e as mazelas da sociedade e suas estruturas, mas quem, também vendo esses males, busca alternativas e, junto com os demais, construir algo novo.

Ser um transformador da sociedade é o objetivo da educação humanizante, cujo sentido das ações visa os próprios atores sociais, os indivíduos, que, na realidade, passam a ser sujeitos e não apenas peças de mera conexão ou de adaptação. Além da conscientização da realidade como problema a ser enfrentado e, por isso, desafio, olha o mundo como espaço de oportunidades para novas ações, novos projetos, novas maneiras de agir e de se viver. Jamais dirá que a realidade humana é destino do qual ninguém pode fugir, como é o caso da pobreza, da qual alguns afirmam, equivocadamente, que ela é parte da condição humana ou da espécie, já que em toda a história sempre houve pobres e, por isso, nesse jogo de forças, segundo essa mentalidade, vencem os mais fortes e perdem os mais fracos<sup>35</sup>. Porém, o primeiro argumento que sustenta a vocação da humanização está, justamente, baseado na consciência do inacabamento dos indivíduos. Ora, quem nasce inacabado não está determinado em suas escolhas, nem está definida a maneira como deve viver, a vida que deve seguir, a carreira que deve exercer, nem mesmo a pessoa com a qual deve partilhar sua vida. Pelo anterior, compreendemos que não nascemos prontos, mas inacabados, e, portanto, devemos projetar a nós mesmos, construindo a nossa própria história:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda

---

35 O filósofo sofista Cálicles, na obra platônica do *Górgias*, defendia a tese da “lei do mais forte”, em que alguns estão destinados a dominarem e, outros, a serem dominados (PLATÃO, 1980).

entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença... (FREIRE, 2009a, p. 31).

Essa consciência do próprio inacabamento faz perceber, logicamente, que todos nascem nessa mesma condição e que a sociedade também é construída a partir desses mesmos indivíduos inacabados. Por isso, toda a sociedade é lugar de construção e nada foi feito por acaso ou surgiu pronto, não advindo de uma determinação ou de uma força externa misteriosa ou de um deus<sup>36</sup>. Depois dessa constatação, a consciência, desfazendo-se das falsas ideias introjetadas, como que de um sono desperta e compreende sua real condição e possibilidade, ou seja, a consciência de ser agente, de ser sujeito que pode mudar o mundo, a realidade social, econômica e política. Ora, todas as instituições sociais surgiram de uma construção, ainda que essa seja

---

36 Existem várias formas de entender o conceito “deus” nas várias culturas, como também de sua manifestação ao ser humano, como por exemplo, se é intervencionista ou não, se está distante ou próximo etc.

feita pela opressão. Isso não quer dizer que a consciência, nesse novo estado, faça logo uma revolução social, pois a realidade construída pela opressão e mesmo a força ideológica dos que oprimem está fortemente enraizada na sociedade e, assim, a construção social é um processo, que passa fundamentalmente por uma educação revolucionária, que une reflexão e ação, pois da compreensão se passa para a ação e desta para nova reflexão, que recairá numa futura ação. A natureza humana se gesta historicamente e, por isso, ainda que tenha um chamado para ser alguém, esse alguém não está dado, pois precisa ser constituído, arquitetado e mesmo descoberto. Ora, o que é esse alguém, não está claro, entretanto, há uma força dentro do indivíduo que o empurra para ser, e ser numa acepção diferente dos demais seres. Ser não apenas no sentido de estar aqui ou acolá, mas no sentido existencial, num sentido que tenha sentido. Heidegger demonstra essa realidade do indivíduo como um ser existencial, e não alguém simplesmente neutro sobre tudo que o cerca:

Quando, de manhã cedo, um físico sai de sua casa para ir pesquisar no laboratório de Compton e sente brilhar nos olhos os raios do sol, a luz não lhe fala, em primeiro lugar, como fenômeno de uma mecânica quântica ondulatória. Fala como fenômeno de um mundo carregado de sentido para o homem, como integrante de um cosmos, na acepção grega da palavra, isto é, de um universo cheio de coisas a perceber, de caminhos a percorrer, de trabalhos a cumprir, de obras a realizar. A luz fala, sobretudo, de um mundo em que ele nasce

e cresce, ama e odeia, vive e morre a todo instante. Sem este mundo originário, o físico não poderia empreender suas pesquisas, pois não lhe seria possível nem mesmo existir (HEIDEGGER, 2005, p. 9).

Não há contentamento em apenas ser entre os outros seres, entre objetos e animais. Não somos neutros em relação ao que nos cerca e, mesmo que queiramos fazer uma análise objetiva e imparcial, nossa existência não pode abster-se dessa realidade. Estamos inertes no mundo, na natureza, participando de toda a vida. O ser é existencial, pois além de estar sabe que está, que vive, que sua vida termina em algum dia. Existe existencialmente.

Não é um a priori, pois se fosse, não precisaria decidir e sua decisão seria em vão, uma vez que no fundo não estaria decidindo, mas apenas seguindo determinações, sejam elas instintivas ou de outra espécie. Por isso, a própria ideia de ontologia do indivíduo não pode ser entendida como algo estático, essencialmente pronto e estruturado, mas como possibilidade e devir. No entanto, um devir que sempre está em movimento, que não para nunca, já que o ser é e não é. É enquanto já construiu algo, não é enquanto esse algo não é definitivo e ainda está a caminho. Por isso, o gênero humano é presença e, ser presença só é possível enquanto há consciência, existência. Estar presente, seja qual for o lugar, implica em saber que se é algo, que se está em algum lugar e que se existe. Só quem é presença pode ser livre ou mesmo ter noção de liberdade e essa, mais uma vez, é um termo característico da espécie, chamada humana. Ora, a liberdade supõe um agente, um indivíduo capaz de construir,

de constatar, de decidir, de modelar e intervir na realidade. Só o reconhecimento de uma consciência própria abre a possibilidade à ética<sup>37</sup>, uma vez que as ações só podem ser éticas ou antiéticas se há um indivíduo que é autônomo, até certo ponto, e que decide aquilo que faz, pois do contrário não poderá ser julgado por seus atos, uma vez que seria escravo dos determinismos, sejam eles biológicos (genéticos), econômicos, sociais ou de outra natureza. É no sentido de construção que deve ser vista a natureza ontológica do ser humano, que pode atender ao seu chamado ou não:

[...] A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na História. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular. Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. A ética se torna inevitável e sua transgressão possível é um desvalor, jamais uma virtude (FREIRE, 2009a, p. 9).

---

37

A pergunta básica da ética é: qual é a melhor forma de vida para a espécie humana?

Quando o indivíduo reconhece que precisa se autoconstruir e que nessa construção está a ética, já não pode se satisfazer com um mundo que o priva de sua responsabilidade ou que queira dizer tudo o que ele deva ser e fazer. Nessa perspectiva, vê que é algo original no mundo, que é uma presença pensante e em potencial, que deve ser desenvolvido, uma vez que ter uma potência não significa já ser, pois o ser vai se revelando à medida em que o indivíduo trabalha a si mesmo e se desenvolve. Não é, porém, um caminho traçado e fácil, já que ser implica uma luta contra o ser contrário, a saber, o “não-ser” ou melhor o “ser menos”, que abafa todo potencial e o impede de crescer. Por outro lado, não estamos isolados no mundo como consciências independentes e sem relação com os demais que nos cercam e que, conseqüentemente, resulta o mundo ser, em grande medida, fruto dessa relação entre os indivíduos que constroem o ser social historicamente. Reconhecer o mundo como construção coletiva, seja ela em favor da vocação ontológica ou contrária a ela, significa que a luta só pode se efetivar e dar resultados se o sonho for uma busca coletiva. Por isso, as classes oprimidas não podem se libertar enquanto cada um estiver em seu mundo isolado, mas acontece à medida que juntos crescerem em consciência e buscarem respostas a sua humanização e como superar a dominação estrutural e historicamente construída. Porém, em várias circunstâncias, a opressão e suas barreiras podem estar mais ou menos cristalizadas e a luta para superá-las ser mais difícil. Isso não significa que se deva desanimar e deixar de sonhar, pois, ainda que no momento seja difícil a mudança, não significa

que a estrutura social seja inquebrantável. Por menores que sejam as ações, ainda que de resistência, já são um forma de luta.

No caso em que a força opressora seja tão grande que impeça a libertação do oprimido, este poderá fazê-la, ainda que em parte e de maneira bastante modesta, por meio da problematização do mundo, principalmente da ideologia que mistifica o mundo como uma realidade necessária e irreversível, fazendo com que os pobres (não só eles!) se conformem com sua situação miserável, atribuindo a sua posição como “falta de sorte”, “vontade de Deus”, “Destino”<sup>38</sup>, “parte da miséria humana”. A problematização, ainda que não seja uma libertação já concreta, é um passo importante e, talvez, o primeiro, para que, futuramente, seja possível pensar em alternativas à realidade opressora. Toda ação pode ser favorável, ainda que pequena, pois alimenta o sonho e serve como um pequeno sinal de que a realidade não é tão estática como os dominadores querem fazer entender. No entanto, as ações, sejam elas grandes ou pequenas, podem estar presas às ideologias de domínio ou às práticas de libertação. A prática que liberta deve estar profundamente arraigada no equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade. Quem exerce alguma influência não pode ser autoritarista se quiser praticar uma ação libertadora, mas também não pode confundir liberdade com licenciosidade, onde não há princípios nem limites para as ações, pois signifi-

---

38 Destino é uma palavra que remonta aos tempos mitológicos de Homero, em que os gregos acreditavam que a vida presente e futura estava subordinada a uma espécie de força chamada “Destino”, da qual ninguém, nem mesmo os deuses, poderiam escapar. Sobre Homero conferir as obras *Odisséia* e *Íliada*.

caria abrir mão das responsabilidades e princípios éticos. Possuir uma vocação para a humanização exige combate, luta, esforço, estudo, e, porque não, uma grande capacidade de enfrentar frustrações:

[...] Daí que insista também em que esta “vocação”, em lugar do ser algo *a priori* da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. Por outro lado, a briga por ela, os meios de levá-la a cabo, históricos também, além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia. A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos (FREIRE, 2009b, p. 51).

No entanto, para enfrentar o mundo e suas intempéries, é preciso acreditar na mudança, é necessário ter esperança<sup>39</sup>, no sentido de que lutando é possível efetivar alterações reais e não só aparentes. Entretanto, não é uma esperança vista como um cruzar de braços e esperar, mas uma esperança que se dá na luta e durante a luta. Ora, se luto, é porque penso que todo esforço despendido não é em vão e, por isso, acredito e tenho esperança que, batalhando e labutando contra tudo o que oprime, posso modificar, junto com os demais, tudo o que desumaniza. Por isso, esperança e esperar não podem ser confundidos como sinônimos, ainda que a

---

39 Esperança não tem o sentido de simplesmente esperar, mas que, agindo, posso alimentar o sonho de que é possível mudar e melhorar a realidade. Nesse sentido, espero algo melhor e não pior, e, espero enquanto luto por esse novo. Só há esperança onde há ação, onde há luta pela transformação.

esperança também tenha algo de espera, ela, contudo, não é passiva, mas ativa, pois se não faço nada como posso ter esperança que as coisas mudem, a não ser se acreditar que, independentemente de mim, possa ocorrer uma revolução que transforme toda a realidade. Porém, isso já não seria mais esperança, mas uma espécie de acontecimento surpresa do qual eu estava alheio, mas que acabou me privilegiando sem que eu o soubesse. Com isso, fica claro que só lutamos enquanto temos esperança, enquanto acreditamos que é possível modificar a realidade.

O sonho pela criação de um novo sujeito surge da constatação da desumanização presente entre os homens e mulheres, que vivem a negação de si mesmos na história. Essa verificação demonstra que “não-ser” é uma possibilidade e, não só isso, é uma realidade constatável e verificável no mundo da dominação e da brutalidade. Ver que no dia a dia há milhares de seres em condições de semiescavidão ou mesmo de uma escravidão velada, faz com que a negação da vocação ontológica se tenha tornado uma prática constante e incontestável. Porém, a pergunta pela possibilidade de ser confronta essa realidade crua e dura de muitos indivíduos, tornados máquinas e servos de um sistema que continua a explorar. A pergunta é sobre como esse mundo foi construído e quem o fez dessa maneira cruel. Entretanto, olhando a história, as suas mudanças, as batalhas e as lutas, logo se chega à constatação de que quem fez o mundo do gênero humano do jeito que ele está sendo não é nada mais do que o próprio homem, no sentido geral da palavra. Essa percepção demonstra que o mundo chamado

“humano”, enquanto realidade histórica, nasce de uma construção e, conseqüentemente, é um mundo não pronto, ou seja, é uma realidade aberta a ser edificada. Logo, chega-se à conclusão de que a espécie humana é inconclusa, inacabada e precisa escolher que espécie de “humano” fará de si mesma. Por isso, segue-se que a estrutura social não foi feita pelos deuses, nem por uma força obscura chamada Destino, nem mesmo pelos animais selvagens, mas pelo gênero humano, que em sua incompletude erigiu seu espaço e suas próprias cadeias de dominação.

Os que defendem que a causa ou raiz dos problemas da sociedade está em “forças desconhecidas” são os mesmos que promovem a educação bancária, que reduzem os indivíduos a meras “peças de encaixe” ao sistema. De acordo com essa compreensão, o problema social, político e econômico está na “subversão” de alguns que não querem admitir o mundo como ele é, que não conseguem se adaptar a essa realidade. Pensar que as coisas não são assim, criticando e problematizando a realidade é considerado um pensamento perigoso.

O revolucionário se vê como um agente, alguém que está no mundo como um ente que intervé, que decide, que desenvolve a sua capacidade crítica, que possui uma consciência<sup>40</sup> não pronta e, conseqüentemente, deve ser ampliada e tornada reflexiva e prática. Ora, ter consciência é muito mais do que saber-se existente, mas além dessa constatação, sabe-se não determinado, mas atuante, capaz de alterar, de construir, de conhecer as

---

40 O sentido do termo “consciência” pode ser conferido em nota de rodapé no capítulo primeiro deste livro.

relações sociais, de participar da política, democratizando, lutando e criando condições para, em parceria com os outros, se humanizar, respondendo ao seu clamor interior de ser. A vida não é mais uma simples realidade corpórea, de quem simplesmente come e bebe, que simplesmente trabalha, mas de quem precisa fazer de si alguém, e esse alguém que resulta da árdua transformação obtida pela prática dialógica, reflexiva e ativa. Essa nova visão faz da vida biológica uma vida biográfica, onde quem age tem história e nome, em síntese: é gente. Ser gente significa ser sujeito, ser ator e não mero espectador, ser transformador e não adaptador ou simples receptor de ideias e ordens alheias. Mas seguindo o profundo desejo de ser, de fazer, de quem faz e refaz a sua história. Essa consciência de ser chamado a ser e não simplesmente a seguir comandos, também implica no reconhecimento dos outros como portadores da mesma vocação para o ser, melhor dito, de que todos são sujeitos ou deveriam ser, e, nessa perspectiva, todos possuem o direito de manifestar a sua palavra, de participar das decisões políticas, de ter acesso aos bens sociais, de estar incluídos e com direitos e deveres. Esse reconhecimento significa que oferecer oportunidade de acesso à saúde, à educação e outros bens, não é um favor, nem caridade<sup>41</sup>, mas algo justo e que jamais deve ser cobrado ou visto como doação ou favor.

Freire cita, como exemplo de educador libertador, Aluizio, que era diretor de um colégio privado em Recife, mas que teve a ousadia de torná-lo

---

41 É preciso repensar mais a fundo o conceito de “caridade”, pois será que caridade é simplesmente doar coisas aos outros, enquanto que a sua situação de miseráveis não muda? E onde fica a construção de um mundo mais justo?

público, não porque alguém lhe ordenasse, mas por convicção que a educação era direito de todos (as). Essa prática não foi feita em vista de benefícios financeiros ou por quaisquer outras condições, mas pelos princípios que Aluizio alimentava e no qual acreditava, a saber, que era a sua vocação de fazer isso, pois não poderia cobrar por algo que também era de direito dos outros e que todos eram chamados a ser, e a ser mais:

Dos anos 20 até mesmo princípios dos anos 50 contando o Recife com poucas unidades educacionais públicas, portanto gratuitas, mantendo o curso secundário, Aluizio, como diretor e proprietário do COC, como era conhecido seu colégio, tornou na realidade sua instituição privada numa instituição de caráter público. Sem jamais ter se beneficiado de verbas públicas, ofereceu em seu próprio educandário ensino a tantos e tantas jovens que dele precisaram. Sua gratuidade era total, pois jamais cobrou de seus alunos ou de suas alunas bolsistas, em qualquer das formas de cobrança que possa existir, o que tinha doado pela sua generosidade pessoal e pela sua compreensão social de que a educação era um direito de todos e de todas. Desses princípios jamais abriu mão pois teve sempre a convicção de que esta era a “vocação” de se estar sendo no mundo (FREIRE, 2009b, p. 109).

A prática de tais gestos, feitos não para lisonjear nem para receber elogios, traduzem a mentalidade de um verdadeiro educador e transformador social, que em sua consciência sabe de que todos têm direito, não por simples lei, mas por vocação

ontológica de se tornarem sujeitos, de serem transformadores da realidade e de terem o direito, para cumprirem seu chamado de se humanizar, ao acesso a uma educação de qualidade e libertadora. Essa atitude democrática pode parecer pequena, mas seus efeitos são grandes, ainda que de imediato pareçam modestos.

## **De que maneira a proposta do “ser mais”<sup>42</sup>, em Paulo Freire, humaniza o indivíduo?**

Antes de falar propriamente do “ser mais”, enquanto proposta de humanização, ressaltamos que as várias situações e contextos foram moldados pela sociedade e que, muitos casos, são um empecilho a essa força humanizadora, presente em cada indivíduo. Sabemos que todo o conjunto complexo do chamado mundo humano foi feito, historicamente<sup>43</sup>, pela própria espécie humana que, durante longos anos e por várias gerações, imitou e seguiu um sistema que, em geral, oprime uma maioria despossuída e sem acesso às condições básicas de saúde, de educação e de uma vida menos laboriosa. No entanto, longe de sustentar um pessimismo frente a essa realidade desafiadora, defendemos que é uma oportunidade de construir algo novo, algo alternativo ao que está vigorando no sis-

---

42 O “ser mais” é usado nas obras de Paulo Freire como uma força que impulsiona nossas ações, que por natureza está em nós e que sempre nos “chama” para sermos melhores do que somente estar no mundo; e, assim, construir a nossa própria humanização. Essa “energia” é aquilo que nos move e inquieta ao mesmo tempo, que diz que podemos nos desenvolver e melhorar, construir e fazer história, sempre em movimento. Porém, “ser mais” não deve ser confundido no sentido de uma competição com os outros.

43 A História mostra que a “humanidade” foi capaz de mudar o sistema de governo monárquico para o democrático, ou ainda, criar o sistema comunista e capitalista. Tudo isso apenas reforça que a sociedade é fruto da criação humana e não surgiu de repente, do nada.

tema capitalista. Por outro lado, há no próprio sistema também forças democráticas que podem ser usadas ou tornadas mais plenas, no sentido de garantir e concretizar mais o sonho democrático em nossa sociedade. Essa habilidade de intervir para a humanização, supõe a presença de uma força ontológica em cada um de nós. No entanto, para que haja um mundo melhor, é necessário de ética e uma ação política transformadora. Nesse sentido, Hannah Arendt fala de três atividades humanas fundamentais como: labor, trabalho e ação, sendo que a última se refere propriamente à política, ressaltando a atividade exercida sem a mediação de objetos, mas entre os indivíduos:

A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política. Assim, o idioma dos romanos – talvez o povo mais político que conhecemos – empregava como sinônimos as expressões “viver” e “estar entre os homens” (*inter homines esse*), ou “morrer” e “deixar de estar entre os homens” (*inter homines esse desinere*) (ARENDR, 2007, p. 15).

O processo social ocorre por meio da política, das relações com os outros indivíduos, que também devem participar nessa ação conjunta. A presença

dessa “atividade” (ou atividades, se quisermos englobar as três dimensões mencionadas por Hannah como fundamentais) lança cada um à humanização, pelo menos como possibilidade, como força motora presente em cada indivíduo, já que não é uma necessidade, uma vez que é possível escolher o caminho da desumanização, da dominação e da imposição de “situações-limites”.

Embora o contexto e as “situações-limites”, produzidas pelo conjunto da sociedade, possam parecer algo estático, insubstituível e mesmo desanimador para muitos, constituem, antes, a grande chance, ou melhor, a grande oportunidade de atitudes e ações ousadas. Ousadas, pois, uma vez que enfrentar e se colocar a favor de uma nova proposta nunca é algo tímido, mas sempre ousado, já que afeta todo o conjunto de nossa vida, de nossas práticas sociais, muitas vezes atreladas ao sistema que vigora, seja por seu incentivo à competição, ao lucro insaciável, e à fama de alguns, enquanto a maioria, embora heroicamente trabalhe, fica à margem, ou seja, distante da própria sociedade e sem identidade. Por isso, é uma proposta que vai além do estar simplesmente vivendo biologicamente, comendo e consumindo como todos, em geral, já fazem, mas no sentido de colocar-se frente à questão do “ser mais” que, necessariamente, implica um confronto com a estrutura social existente, uma vez que somos chamados a sair de uma situação de passividade ou de mera adaptação à sociedade. Dito de outra forma: é quando o indivíduo, percebendo que em seu íntimo não pode simplesmente viver por viver, mas que está convidado a viver melhor, e sempre num sentido de ascensão e não como os animais, apenas sa-

tisfazendo os desejos mais básicos, quer uma vida que seja digna<sup>44</sup> e “humana”. Por isso, as “situações-limites” são, antes de tudo, a fronteira entre o ser e o “ser mais”, ou melhor, entre viver, no sentido meramente biológico ou semelhante aos animais sem consciência, e entre o viver pleno, no sentido de uma vida desenvolvida em todas as dimensões, não só nas biológicas, psicológicas, afetivas, mas em todos os âmbitos, inclusive no da consciência crítica e na prática reflexiva. Dessa forma, é muito mais do que ser, do que só existir como todos os demais objetos animados ou inanimados existem, mas um existir consciente e transformador, e, por isso, um “ser mais”, que implica na superação do simples ser.

Não podemos pensar que tudo está determinado, que não há mais possibilidades e que devemos aceitar o mundo do jeito que ele é, como se o que existe fosse toda a realidade e a única possível, como se sem essa sociedade restaria o nada<sup>45</sup>, o “não-ser”, quando na realidade esse mundo edificado é quem produz o “não ser” ou nega a muitos a identidade, tornando-os uma espécie de “nada”, de marginais, pois estão à margem da chamada vida social, política e econômica. A pergunta frente a essa nova proposta é sobre qual ser, qual vida é possível construir e, nesse sentido, a resposta é aque-

---

44 Conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos, uma “vida digna” contempla os direitos básicos dos indivíduos, a saber: saúde, educação, alimentação, moradia, liberdade, felicidade e outros (ONU, 1948).

45 Sobre o “nada”, há quem diga que ele já é uma coisa, pois sendo “nada” já é uma maneira de definir o seu ser. Se, por um lado, o “nada” pode ser visto como um vazio ou uma ausência, por outro lado, tal afirmação já implica uma forma de ser. Em nosso caso, a reflexão sobre o “nada” ou o “não-ser”, mais do que um debate conceitual abstrato, está relacionado com a existência humana e seu ser, isto é, o seu existir concreto.

la que corresponde melhor ao chamado ontológico, tratado amplamente no segundo capítulo, conforme o qual, não é algo acessório à realidade humana, mas está tão presente quanto a necessidade de nos alimentarmos. Ora, se na conjuntura atual pode ser constatado a desumanização de milhares de indivíduos, há um sinal claro que essa não é aquilo que deve ser e, por isso, é preciso buscar uma outra maneira de ser, que seja melhor do que essa que se está vivenciando. Qual a nova forma de ser? Não há uma resposta cabal, mas relativa, uma vez que o novo ser precisa ser gestado e não pode ser algo acabado, mas um devir, um vir a ser.

Além dessa percepção de que o mundo não está sendo o que cada qual é chamado a ser, nasce uma raiva, uma ira justa dos que estão sob o jugo da dominação. Pois, esta sempre é negadora, esmagadora dos demais e, principalmente, da maioria. A revolta se dá em face da negação do direito de “ser mais” inscrito em cada indivíduo. Essa realidade exige de cada um uma atitude, um posicionamento e jamais neutralidade, isso porque nem existe neutralidade, uma vez que mesmo não se posicionando já é uma forma de tomar uma decisão, ainda que isso queira significar cruzar os braços. No entanto, quem realmente estiver consciente de seu chamado e também do direito dos demais de construir sua própria humanização, jamais ficará esperando que as coisas aconteçam, mas acreditando nas mudanças e que a esperança não é ficar acomodado. Agirá para transformar, e não se curvará perante o discurso “morno”, a fala que concorda com a miséria e a exploração de tantos indivíduos que não podem ser plenamente, mas apenas estar

no mundo, e, muitas vezes, nem isso, porque vivem nulamente, sem identidade e como máquinas que trabalham para que os sistemas de opressão possam continuar a funcionar contra os mesmos que o sustentam. A responsabilidade de quem adotou o pensamento libertador e o projeto do “ser mais” só pode ser de quem, com justa raiva, tornou-se um rebelde<sup>46</sup>, um descontente com o que está acontecendo na história e, por isso, não ficando na mera ira, lança-se no desafio de fazer algo diferente, de buscar alternativas. Esse modo rebelde de agir e de se manifestar, será visto, pelos que dominam, no caso do contexto brasileiro mais recente, como “subversão”, “comunismo”, “anarquismo”. Todos esses adjetivos estão carregados de preconceitos, pois a visão dos que detêm o poder é de que questionar o “status quo” é subversivo e algo ruim, nunca, porém, questionam suas próprias práticas escravagistas. Também a ideia de “comunista” é um modo de inibir as ações coletivas e sociais, mesmo que isso não tenha nada a ver com o regime totalitário de Stalin na antiga URSS. Para desqualificar qualquer atitude de libertação, dizem que é “comunismo”, no sentido mais negativo que essa palavra possa ter assumido historicamente<sup>47</sup>. O mesmo se

---

46 O rebelde é um insatisfeito com a sociedade opressora, principalmente, com a injustiça social, não se contenta com o “status quo”, é, digamos assim, uma espécie de “cabeçudo” que insiste numa sociedade alternativa, vivendo numa constante tensão entre o mundo real e o mundo que sonha ou busca construir.

47 Essa observação não pretende, de modo algum, justificar regimes autoritários que privaram o povo de sua liberdade e cometeram atrocidades. Porém, critica posturas irracionais que não analisam cada contexto histórico. Além disso, critica posturas que impõem, arbitrariamente, slogans depreciativos sobre os pobres, sempre classificando de forma negativa

diga do termo “anarquista” que, geralmente, é ligado à ideia de indivíduos sem leis, sem moral, embora, originalmente, não tenha essa conotação, mas de uma organização sem hierarquização social, sem classes, o que está muito longe de algo “imoral” e do sentido negativo que a palavra anarquia assumiu, mais tarde, na história. Para fazer frente a esse mandonismo, a rebeldia, a justa revolta e a raiva não são atitudes imorais, mas antes, exigências de quem, sentindo-se negado em seu direito ontológico de “ser mais”, não se deixa dominar pela ideologia dominante:

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 2009a, p. 47).

Depois de enfrentar as forças opostas à vocação, é preciso alimentar o sonho e resistir sempre mais a todas as ofensas impostas, diretamente ou veladamente, sobre os que estão na miséria. A afirmação, a revolução só pode dar-se na rebeldia, na obstinação de sonhar e de olhar para o futuro com esperança e como problema que não pode nos deixar anestesiados, mas antes, incitar em nós o dese-

---

sua forma de organização social e de se mobilizar. Sobre tiranos de regimes autoritários de diferentes ideologias conferir: GHIRELLI, Antonio. *Tiranos: de Hitler a Pol Pot: os homens que ensanguentaram o século 20*. Tradução de Giuseppe D'Angelo e Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. 322 p.

jo de buscar uma resposta, pois os problemas são em si mesmos uma provocação que nos lançam na busca de soluções, cujas respostas, embora não definitivas ou nem sempre as mais acertadas, devem ser dadas. Pois toda dificuldade não é um abismo insolúvel, mas uma oportunidade de crescimento e de afirmação dos indivíduos. A resposta não é dada de uma vez, mas vai se constituindo no andar da vida, pois a natureza humana é processo, é um refazer-se por toda a história. Diante de tudo isso, a rebeldia assume um papel fundamental de potencial para a mudança e, contrariamente aos adjetivos negativos colocados sobre ela, é antes condição de não conveniência com a opressão. Se por um lado a rebeldia ajuda, por outro lado, é importante não cair na ilusão de que uma simples manifestação de raiva irá mudar toda a história. Por isso, é preciso ter consciência do processo histórico no qual a sociedade é moldada e dentro da qual é constituída a vocação ontológica:

É importante insistir em que, ao falar do “ser mais” ou da humanização como vocação ontológica do ser humano, não estou caindo em nenhuma posição fundamentalista, de resto, sempre conservadora. Daí que insista também em que esta “vocação”, em lugar do ser algo *a priori* da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. Por outro lado, a briga por ela, os meios de levá-la a cabo, históricos também, além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia... (FREIRE, 2009b, p. 51).

Essa edificação histórica implica na percepção das estruturas sociais, econômicas e políticas, a saber, que existem classes sociais, que elas foram feitas por nossos ancestrais que montaram uma tradição de cunho político ou religioso, seja por meio de mitos<sup>48</sup> ou de ideologias e crenças. Um exemplo concreto é a ideia, sustentada no passado por longo tempo, de que o poder temporal do rei era divino, justificando muitas de suas ações. Atualmente, também podem vigorar crenças advindas de um tempo longínquo ou mesmo de um tempo próximo. Uma das ideias, talvez em vigor, é que o capitalismo é um sistema necessário e não há outro, embora saibamos que muitos povos indígenas e grupos étnicos vivem satisfatoriamente em outro sistema social, considerado, pelos que se auto denominam de “civilizados”, como um sistema atrasado e bárbaro, mas que não contém muitos dos elementos de injustiça que está presente no capitalismo, mais especificamente, no capitalismo neoliberal<sup>49</sup>. Por meio dessa análise fica evidente que a realidade social, que não nasce pronta, mas vai se moldando durante o passar dos tempos e das gerações, constitui-se como possibilidade e não como necessidade, no sentido de que não é um a priori já

---

48 Na linguagem comum, mito é uma mentira, uma fábula ou um conto não verídico. No entanto, o mito, originalmente, era uma explicação dada, pelos povos primitivos, a fatos que não conseguiam explicar e que, geralmente, envolvia o desejo e as intrigas dos deuses (POUZADOUX, 2001).

49 No capitalismo neoliberal, em que não há controle sobre a economia, a concentração de renda nas mãos de poucos é muito elevada, enquanto que a maioria é prejudicada e não consegue competir com grandes empresas que dominam alguns setores estratégicos do mercado. Para aprofundamento sobre o neoliberalismo conferir: HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 256 p.

feito e acabado, mas um fazer e refazer, um constituir e reconstituir que se estrutura, lentamente, de acordo com as ações dos indivíduos sobre ela.

Por isso, as mudanças só acontecem a longo prazo e dependem das decisões dos indivíduos e da sociedade, podendo, em muitos casos, um sonho vir a ser destruído ou mesmo nem se concretizar, uma vez que permanece na dimensão da teoria e não recebe a adesão do povo ou dos agentes sociais. Entretanto, quando os indivíduos se tornarem cômicos de sua vocação, se identificarão com essa teoria e atuarão no sentido de já realizar pequenas mudanças, ainda que modestas; pois embora pareçam pequenas, elas poderão, aos poucos, crescer e se tornarem um sonho coletivo. Conforme essa análise, é preciso considerar que toda a realidade, aparentemente estática, é dinâmica e, o que hoje parece difícil, poderá tornar-se algo mais ou menos fácil, amanhã.

Ainda que o sonho da realização dos indivíduos passe pela efetivação ontológica daquilo que cada um é chamado a ser, não nos enganemos, porém, em relação aos que dominam, pois estes não serão tolerantes, nem aceitarão com facilidade essa nova proposta. Farão uso da violência, do medo e de todo tipo de crueldades, que é próprio dos que dominam e não suportam que os outros sejam, e que os pobres construam uma realidade sem dominação, sem assassinatos. Temos muitos exemplos na história em que povos, antes livres, em grande medida, foram dizimados, mortos e destruídos. Não é preciso ir longe para perceber que no Brasil milhares de índios foram mortos e continuam sendo ameaçados por grupos poderosos, política e eco-

nomicamente.<sup>50</sup> Aqui não entra em questão a natureza complexa desses povos, mas de sua maneira diversa e diferente de viver, com características específicas como a vida coletiva e sua liberdade dentro da selva e outras especificidades que foram destruídas pelos brancos “civilizados”, gananciosos por ouro e terra. No entanto, não só os indígenas sofreram violências, mas também os vários quilombos existentes, em algumas regiões do Brasil, que foram literalmente massacrados<sup>51</sup>. Quem os massacrou se não os poderosos? Por isso, é preciso ficar atento ao fato de que toda proposta diferente e que seja para a humanização dos indivíduos sempre será considerada perigosa, e, no caso brasileiro em seu contexto mais recente, “comunista” ou “socialista” e “anarquista”.

Todavia, o grande “crime” de muitos desses povos, foi o desejo de serem mais, de viverem em certa liberdade, em certa igualdade que os ditos homens da “verdade” não conseguiam admitir. Ora, o imperialismo de quem domina não aceita alguém que construa um sistema se não o seu. Por isso, “ser mais” pode ser uma ameaça aos que, tradicionalmente, manipularam o povo e a maioria das gentes. É como se fosse um “vírus”, que pode se espalhar e incitar outros a fazerem o mesmo, o que pode, futuramente, arruinar o sistema de exploração e dominação. Algo que, obviamente, nem mesmo um tirano deseja.

---

50 Na Amazônia, muitos grupos indígenas continuam sendo ameaçados pela invasão de terras efetivadas por fazendeiros, ansiosos em aumentar as suas propriedades.

51 Conferir a obra de SARMENTO, Genisete de Lucena. *A Ocupação das Terras do Quilombo dos Palmares e a Criação de Vilas*: Introdução à História de União dos Palmares. 1. ed. Maceió: CBA, 2019.

Porém, poderíamos nos perguntar sobre quais adjetivos e meios que devemos usar para tornar a proposta do “ser mais” uma realidade, e não só uma teoria. Podemos, conforme a proposta de Freire, começar por um item fundamental para que, digamos assim, haja uma condição ou característica básica para que todos possam ser plenamente, a saber, a humildade<sup>52</sup>, no sentido dado por Paulo Freire:

A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém. A falta de humildade, expressa na arrogância e na falsa superioridade de uma pessoa sobre a outra, de uma raça sobre a outra, de um gênero sobre outro, de uma classe ou de uma cultura sobre a outra, é uma transgressão da vocação humana do ser mais. O que a humildade não pode exigir de mim é a minha submissão à arrogância e ao des-tempero de quem me desrespeita. O que a humildade exige de mim, quando não posso reagir à altura da afronta, é enfrentá-la com dignidade. A dignidade do meu silêncio e do meu olhar que transmitem o meu protesto possível (FREIRE, 2009a, p.76).

A humildade aparece como um desdobramento do reconhecimento do direito dos demais e de sua igual condição e vocação humana, ou seja, de que todos são iguais, enquanto parte da mesma espécie, ainda que haja muitas diferen-

---

52 É um erro confundir “humildade” com humilhação, com subjugação, pois isso seria a negação do indivíduo. Humildade é muito mais uma atitude de reconhecimento da própria condição humana e existencial, na qual cada um se percebe como igual, em dignidade, com os demais. Não significa negar as próprias potencialidades, mas também não subestimar os outros ou se colocar numa posição de superioridade.

ças étnicas e mesmo de gênero, mas em dignidade todos nascemos com o direito de ser e o dever de permitir que os outros sejam. A arrogância, nessa concepção, é a falsa ideia de que alguns são superiores aos outros, de que uma “raça” é mais que a outra ou que um gênero é melhor que o outro. Afirmar que todos são iguais não significa nivelar<sup>53</sup> a todos, mas reconhecer as diferenças e perceber que na base existe uma estrutura que garante a cada um o direito de “ser mais” e, nessa base, todos os indivíduos são contemplados e precisam ser respeitados.

Aqui, a humildade deve ser entendida como uma atitude de respeito perante o outro, mas não de submissão, nem de ser um “saco de pancadas” dos outros, pois diante de toda agressão devo, frente ao reconhecimento de minha dignidade, protestar, nem que isso signifique um olhar de reprovação, mesmo que não resolva o gesto agressivo do outro. Não posso assumir uma atitude passiva frente a quem me desrespeita, ainda que esse indivíduo seja mais forte do que eu, pois ser passivo com a violência, com o desrespeito é ser conivente com a situação e isso significa “ser menos” e deixar que os opressores ajam sem medidas e sempre com maior intensidade.

Lutar para que o projeto humano seja efetivado implica confiança nos homens e nas mulheres

---

53 Quem duvidaria da diferença biológica entre o homem e a mulher? Quando falamos de “igualdade” estamos considerando a dignidade de todos os seres humanos, independentemente de sua origem ou mesmo das diferenças culturais, físicas, biológicas, que, de fato, podemos constatar empiricamente. Porém, as desigualdades, enquanto construção social, proveniente de relações injustas, não podem ser defendidas e não as confundimos com “diferenças” que de fato existem, e que, até certo ponto, são “naturais”.

como seres capazes de refazer a história, de modelar uma nova sociedade, de reconstruir todas as dimensões estruturais, coletivamente, para a justiça<sup>54</sup> e o crescimento de toda a população. Significa crença nos indivíduos e em sua capacidade de intervir e de fazer acontecer o projeto que efetive a vocação dos povos, que se dá por meio do diálogo, principalmente, se for de acordo com a proposta freiriana.

O diálogo é um dos ingredientes principais dessa proposta humanista, promovendo a confiança na capacidade dos outros, crença de que possuem uma força transformadora, apesar dos contratempos e das oposições que possam sofrer; ânimo em trabalhar juntos e com os outros, pois todos fazem parte desse chamado, dessa vocação de serem agentes sociais, econômicos e políticos da nova sociedade a ser gestada. Esse novo é como uma espécie de parto que corre vários perigos. Tem suas expectativas e, na história, sofreu muitos “abortos”, mas que de nenhuma maneira significa ser impossível a sua efetivação. Ainda que haja muitas dores nessa caminhada e busca de acertos por meios dialógicos e nunca impositivos, sempre existe a tentação de retornar aos modelos de dominação. Isto acontece não só com os poderosos, mas também com os pobres e líderes que se deixam influenciar pelas ideologias tradicionais.

O humano é uma construção, mas para ser tal, como já foi dito, exige fé nos homens, pois como edificar se estivermos desanimados e sem esperança? Como construir se não acreditarmos que é possível algo melhor? Como fazer a diferença se, no fundo,

---

54 A justiça é a efetivação do “ser mais” de todos os indivíduos, é a garantia dos direitos e de tudo que possibilita uma vida íntegra, harmoniosa, social, política e econômica.

vemos na dominação algo necessário e intransponível? Só quem sonha<sup>55</sup> pode fazer e efetivar a diferença, pois todos os obstáculos serão apenas mais uma razão para lutar e não para desanimar.

Nessa titânica batalha pela geração do ser agente e moldador de sua história é preciso reconhecer as frustrações que também devem ser vistas como parte do processo e não como algo que fecha totalmente as expectativas. Nessa dialética, também é importante observar que os oprimidos foram “educados” numa lógica de dominação, o que implica um trabalho de expurgação do dominador introjetado em cada um. Por isso, é frequente que nas práticas de libertação apareça, em algumas circunstâncias, o dominador nas atitudes dos pobres e de suas lideranças. O perigo disso é evidente e suas consequências desastrosas, uma vez que o oprimido de hoje apenas mudará de posição, assumindo o lugar do opressor, amanhã, isto é, em vez de acabar com a opressão se tornará um opressor, oprimindo quem o oprimia antes. Por isso, é como seres duais que devemos considerar os subjugados de hoje, e não, ingenuamente, como seres que só sonham angelicamente com a libertação de todos:

O reconhecimento dos oprimidos como seres duais como passo fundamental para uma nova prática. E é como seres duais, contraditórios, divididos, que temos de encará-los. A situação de opressão em que se

---

55 O sonho ou a utopia, em Freire, é importante porque nos ajuda a projetar e construir um mundo melhor. Não tem o tom pessimista ou negativo de algo impossível ou irrealizável, mas como possibilidade e construção constante. Existe a confiança de que o mundo, ainda que não perfeito como num conto de fadas, possa, de fato, ser muito melhor.

“formam”, em que “realizam” sua existência, os constitui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser. Basta, porém, que homens estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontologia e histórica vocação dos homens – a de ser mais (FREIRE, 2009c, p. 3).

Na condição dual, em que se encontram, percebem duas forças opostas neles mesmos, a saber, aquela que lhes impõe a voz do patrão ou de quem os dominou ou ainda os domina; ou aquela força que os chama a se libertarem, mas também a libertar os demais. Sentem-se divididos entre a busca da liberdade e da continuação do sistema que os oprime, o qual também, negativamente, manifesta a sua voz de “comandante” introjetada nos pobres, dando o seu grito de ordem. É uma oposição que sufoca o grito da liberdade e, ao mesmo tempo em que desejam se libertar da situação que os oprime, surge a voz do patrão, não só no sentido de inibir qualquer atitude rebelde, mas também no sentido de reproduzir com os demais da classe o mesmo sistema, dando as mesmas ordens negadoras da humanização aos que agora estão submetidos ao seu poder. Por isso, toda a liderança social deve tomar consciência dessa contradição em que se encontram, pois foram deformados nessa escola de dominadores, onde pode mais quem tem mais poder, onde alguns são os que mandam e outros são os que obedecem.

A constatação da dualidade, da divisão interna dos oprimidos, aponta para a necessidade da

reflexão como dimensão não acessória, mas imprescindível, pois não há como promover a nova sociedade sem que os seus novos agentes também sejam sujeitos de mente e de coração, ou seja, que a mudança não seja só externa e estrutural, mas, que além de mudança das estruturas, afete também o indivíduo em sua raiz existencial. O externo e o interno, ainda que não possamos fazer uma divisão radical dessas duas dimensões, pois elas estão muito mais próximas entre si do que separadas, devem ser afetadas. Interno, se assim quisermos chamar, são os afetos e desejos mais íntimos como também os pensamentos secretos de cada um e, o externo, a saber, o social, as instituições, a vida familiar e relacional.

Essa análise deve ser feita junto com o oprimido, para que eles mesmos percebam o “patrão” presente neles, e possam, com o tempo, descobrir como depurar o dominador que mora dentro deles. Para cada contexto se deve discernir qual das respostas possíveis é a que melhor pode ser aplicada para aquela situação concreta, mas que não é viável em outro contexto. Nasce, conseqüentemente, aquilo que se pode chamar de reflexão<sup>56</sup>, que está ligado à prática, pois toda verdadeira reflexão não se satisfaz nela mesma e, automaticamente, pergunta sobre o que fazer, sobre qual ação executar, tentando responder ao desafio levantado na reflexão. Esse movimento reflexão/ação não

---

56 Refletir, num primeiro sentido, é buscar clarificar algo que já foi vivenciado, ou seja, você volta a pensar sobre uma ação, uma prática ou mesmo um conteúdo e busca seu sentido mais profundo, sua razão ou mesmo alguma resposta mais adequada. Você “Re-flete” o que já havia visto, mas com mais cuidado e prudência, cercando o conteúdo com perguntas e questionamentos.

é uma mera justaposição, mas um imperativo que nasce da própria reflexão que exige a ação para ser autêntica:

Os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser Mais. A reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem (FREIRE, 2009c, p. 29).

A desconsideração da reflexão leva ao ativismo vazio e a reflexão sem uma consequente prática é mero palavreado sem sentido. No entanto, toda verdadeira reflexão, necessariamente, deve desembocar na prática, do contrário, não houve uma reflexão real, mas apenas um “diz de conta” ou manipulação. O conteúdo histórico e vivido pelos oprimidos não pode ser ignorado e separado da prática. É uma crítica à separação que se faz entre teoria e prática, como se o conteúdo não tivesse nenhuma relação com a vida concreta. No entanto, não se trata de um intelectualismo alienante, onde só alguns especialistas “sabem” das coisas. Ainda que estes também possam ter um papel importante na análise e reflexão sobre o contexto da conjuntura mundial e local, se são incapazes de traduzir sua linguagem ao povo de uma maneira compreensível, de nada servem as grandes “verdades científicas”.

O que pode ser englobado como conteúdo de reflexão? Entra a formação histórica, no sentido de uma visão de como o presente foi sendo estabelecido no passado, mas também a própria situação dos explorados, de sua vida, de suas práticas, de seus

sonhos e possibilidades. Além disso, também é possível a introdução das análises dos especialistas da área social, que podem ajudar na reflexão, mas longe de serem os autores da liberdade, são apenas colaboradores e, sua posição é de quem busca, junto com os pobres, a construção do novo sujeito e da nova prática humanizadora.

No entanto, o primeiro passo deve ser o reconhecimento da potencialidade existente em cada um, ou numa linguagem freireana, a percepção do “ser mais” inscrito em cada um como chamado ontológico. Embora a situação desumanizante deva ser trabalhada, não pode ser o que impulsiona o ponto de partida da reflexão, pois seria desanimar a todos. E mesmo esta, deve ser vista sob uma ótica crítica, demonstrando que a injustiça não é algo necessário e insuperável. Sem a construção de uma visão esperançosa, difícil seria pensar que os oprimidos adotassem e tivessem confiança numa prática diferente, mas antes, pelo medo e por várias razões se negariam e refugiariam em sua vida privada, pois veriam na proposta uma ilusão ou uma manipulação de quem promete liberdade. Aqui não se trata de um discurso das lideranças feita sobre os oprimidos, o que seria imitar o método dos dominadores; mas de quem, já tendo adquirido mais consciência, busca comunicá-la aos demais e com eles pensar em novas práticas. Só poderá fazê-lo, autenticamente, quem não está desesperado e não olha para o mundo com pessimismo e desesperança.

Outro fator fundamental para a prática libertária é não cair na ilusão de que as mudanças surjam de uma liderança messiânica ou apareçam de uma pessoa ou que aconteçam num piscar de

olhos. Essa falsa visão advém da desconsideração e falta de visão da sociedade como construção coletiva<sup>57</sup>, o que faz com que um empreendimento pode resultar em bons frutos ou ser desastroso. Pois há uma conjuntura em que vários indivíduos possuem e buscam satisfazer interesses e expectativas variadas. A sociedade é muito mais complexa e as transformações podem encontrar muitas resistências. No entanto, quando um maior número adquire consciência, poderá sim, resultar em mudanças significativas, afetando muitos outros grupos na sua forma de pensar. Por isso, é importante considerar a busca do “ser mais” numa ótica social e dentro de uma conjuntura maior, não isoladamente, nem como se um grupo ou indivíduo fossem os “salvadores da pátria”, como muitas vezes a ideologia dominante quer nos fazer acreditar. Portanto, a prática da liberdade é, antes de tudo, uma prática em comunhão com os outros e em solidariedade, o que significa que é uma busca conjunta:

[...] Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existentes, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos. Ninguém pode ser autenticamente, proibido que os outros sejam. Esta é uma experiência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos [...] (FREIRE, 2009c, p. 43).

---

57 Sobre o “Homo Socialis” veja a obra *O homem, quem é ele? - Elementos de Antropologia Filosófica* de Battista Mondin (2008, p. 159-175).

A afirmação da busca coletiva pela humanização vai de encontro com os que almejam oprimir e, por isso, não admitem que sua condição seja de colaboradores. Porém, a radicalidade da comunhão como meio de efetivar o “ser mais” é tal que, quando não feita em solidariedade, resulta no ser menos, não só dos oprimidos, mas também dos que oprimem. Não é possível ser se ao outro é negado tal direito. Por isso, está evidente que a humanização nunca será efetivada plenamente se as contradições opressores/oprimidos não forem superadas.

Conforme essa análise, ninguém pode ser no isolamento, mesmo que esteja em seu quarto fechado e envolto em si mesmo, sentirá, porém, necessidade da relação com os outros, do afeto e do calor dos demais, uma vez que é um ser social, e não alguém independente dos outros. Pensar a liberdade, a partir do individualismo, é cair em contradição com a realidade social que cerca a todos, pois mesmo quem está isolado, não está num mundo propriamente seu. No entanto, como o “ser mais” humaniza o indivíduo? Ele humaniza à medida em que cada um busca se libertar dos condicionamentos que o diminuem e, ao mesmo tempo, quando em sua prática diária busca refletir as ações, agir sobre a realidade social, dialogar com os demais, tomar consciência da complexidade do mundo. A força presente em cada um de nós só nos humaniza se desenvolvermos as qualidades apontadas por Paulo Freire, a saber, a consciência de quem somos e de nossa incompletude como possibilidade de nos autoconstruirmos, a reflexão unida à ação, o diálogo com os demais; a esperança como força que alimenta a nossa práxis

para não desistirmos de lutar e acreditar nas mudanças. O “ser mais” se concretiza quando todas as qualidades são desenvolvidas, quando buscamos superar as estruturas sociais injustas, quando optamos pelo diálogo, quando alimentamos sonhos, quando incluímos os outros na construção social, quando, apaixonadamente, buscamos uma educação libertária, quando buscamos ampliar a nossa consciência política, tomando posições em prol dos e com os mais pobres, estamos, em síntese, sendo mais.

Por isso, essa força para o mais é uma energia que nos move e que impulsiona às demais características, e cada vez que queremos ser mais procuraremos refletir, agir, dialogar, sonhar, amar, revolucionar, educar, construir e democratizar. A humanização nada mais é do que esse constante processo desencadeado pelo impulso inicial, provocado intimamente em nós, pelo “ser mais” e que nos move a desenvolvermos as habilidades acima mencionadas. Quanto mais vamos sendo, maior vai se tornando a nossa consciência política de quem somos e do espaço que ocupamos na sociedade da espécie humana e de todo o ambiente que nos cerca. Nesse sentido, nossa humanização está entrelaçada com a consciência política que vamos adquirindo, e como o “ser mais” é um confronto com o “ser menos” não poderá ser se não dentro de um processo político concreto, dentro de uma sociedade com um sistema determinado. Todo o desenvolvimento das habilidades que são animadas pela “chama” do mais, se concretiza num mundo social, político, econômico e cultural. Por isso, a verdadeira humanização é uma construção política e se dá

dentro da mesma. Humanizar, portanto, é permitir que a tendência ontológica para ser, e não somente estar num espaço e num tempo de forma indiferente, mas ativamente, atinja todo o potencial que nos estimula a mudarmos, radicalmente, a sociedade e a nós mesmos, e só fazendo o processo que vamos nos humanizando. Ora, se o processo é político, então ele também é social, se dá na coletividade, na busca conjunta de alternativas para a sociedade.

Nesse sentido, a força ontológica é um impulso à humanização presente em todo o processo. Porém, o método não está pré-determinado, e, além disso, pede que em cada um esteja palpitando esse entusiasmo que não descansa enquanto não estiver satisfeito em sua construção. Isto não significa que esse ímpeto de ser esteja somente presente num determinado momento e, depois, se esvazie, mas está presente o tempo todo, pois para que a humanização seja um processo constante faz-se necessário que o impulso que a move também seja constante e esteja presente em todas as etapas subsequentes.

O “ser mais” humaniza à proporção que mantêm o desejo da transformação viva, à medida em que fortalece as decisões e as outras qualidades humanas, que só podem ocorrer enquanto não se contentarem com o que são no momento. Só podemos ser mais se desencadeados por essa força nos deixamos levar por todo o processo que se segue e, numa busca incansável, seguirmos o caminho de nossa própria construção, de nossa atividade em sermos sujeitos de nossa história. Ser sujeito é ser autor, é ser político, é ser transformador, em suma: é ser humano em processo.

Um dos argumentos em favor dessa força motora é o fato de que ninguém quer “ser-menos”, cada qual luta contra a diminuição de si mesmo, pois na vida busca crescer, amadurecer, mas não deseja ser anulado. Além disso, há nesse potencial do “mais” o desejo inerente pela felicidade, pela satisfação, o que demonstra que palpita a energia para o melhor, para a construção da “humanidade”. A consciência de ser, de existir e de buscar sentido para a vida, significa que somos processos e projetos a serem efetivados, e, por isso, um devir, uma inconclusão que nos inquieta e lança para fazer algo de nós mesmos. Somos inacabados, seres de escolha, de consciência da própria incompletude. No entanto, construir esse projeto implica, primeiramente, no reconhecimento de nossa condição de inacabamento, para que, em seguida, edifiquemos sobre essa estrutura.

O projeto de humanização, através do “ser mais”, se concretiza quando o indivíduo alimenta a utopia da transformação, da rebeldia ao sistema injusto, da reflexão crítica sobre o sistema e suas possibilidades de intervir, de projetar, de refazer, de agir e criar novas relações baseadas no diálogo, novas estruturas, nova coletividade.

O projeto passa pela percepção da inconclusão própria e da sociedade, da reflexão sobre a mesma, do diálogo como nova forma de poder e a esperança como condição para continuar lutando. Porém, um fazer dialógico exigirá humildade, pois numa relação intersubjetiva justa, não há espaço para a arrogância. E para não seguir os antigos modelos de dominação é preciso amar a liberdade, tanto a própria como a dos demais, é preciso o pensar autêntico, amando a vida, pois do contrário, a morte seria

semeada. Amar a liberdade também significa prezar e respeitar a autonomia dos outros, como direito e condição para que possam ser, pois também são identidades em processo. O ser dos indivíduos, que é devir, que é um constante vir a ser e um refazer-se, também pode ser aplicado à sociedade, pois ela também é dinâmica e devir. Entretanto, esse “vir a ser”, esse processo de sempre mais, não pode excluir a crítica como fundamental, já que não nos humanizamos automaticamente, mas como que numa espécie de batalha, onde há várias tendências e energias que podem humanizar ou desumanizar. Essa crítica pede e desencadeia a presença da reflexão/ação como dimensões inseparáveis.

A reflexão começa sobre nós mesmos, como seres abertos, inconclusos, sociais, mas também duais, isto é, seres que nasceram “bebendo” de ideologias, de pensamentos, de métodos, muitas vezes, autoritários, negadores da humanização. Requer repensar, com os outros, nossas práticas e do quanto somos também criadores ou partícipes de lógicas opressoras. Neste sentido, a reflexão poderá nos ajudar para pensar alternativas às práticas opressoras. Do contrário, sem essa “vigília” sobre nossas ações poderemos estar imitando ou reproduzindo não a vida, mas a opressão. O objetivo é terminar com todas as formas de opressão e não ser um novo opressor.

Para levar a termo o projeto do ser mais, é necessário alimentar, fomentar, desenvolver, encorajar os seguintes itens: consciência da inconclusão, consciência política, diálogo, humildade, esperança, junção da reflexão/ação, rebeldia contra a injustiça, educação revolucionária, pensar autêntico,

amor a liberdade responsável, passar de indivíduo para sujeito, superar as “situações-limites” e ideologias da acomodação, enfim, acreditar e lutar pela humanização.

## **Considerações finais**

Em todo o processo desse projeto para o “ser mais” foi possível perceber que não somos indivíduos que nascemos já determinados definitivamente, embora tenhamos muitos condicionamentos e estejamos submissos a muitas leis naturais e biológicas como os demais animais. Nesse sentido, quando agimos, ainda que haja muitos condicionamentos psicológicos, sociais, culturais, biológicos, não estamos definitivamente aprisionados por essas influências, pois na hora das nossas ações temos consciência e, poderíamos nos negar a agir de acordo com essas influências. Por isso, podemos, inclusive, rejeitar a nossa própria humanização, fato historicamente verificável. Apesar disso, é inegável que nascemos como seres abertos, seres inconclusos e, por isso, seres em construção.

O que queremos fazer de nós mesmos é a grande pergunta ética e cuja resposta aponta para a nossa vocação ontológica, ou seja, devemos fazer de nós “humanos”, “sujeitos”, em que todas as capacidades pessoais são desenvolvidas, em que a esperança é parte constitutiva de cada vivente chamado “ser humano”. Não somos meros seres entre outros, ainda que também estejamos entre os demais objetos e entes, pois nossa existência é consciente, já que sabemos que existimos. Nosso existir e identidade é feito de escolhas, de construções, e

somos, nesse sentido, devir, um vir a ser, um edifício a ser levantado, mas que sempre necessita de reparos e novas edificações.

O “ser mais” é uma força impulsionadora, indispensável para a busca, o desejo, a luta, o querer, a construção de uma sociedade mais justa e uma vida pessoal mais autônoma. No entanto, essa energia provocadora não é o fim da jornada, mas o “pontapé” inicial, que desemboca no questionamento das estruturas sociais, na reflexão da própria sociedade, no diálogo como fonte de compreensão e possibilidade de justiça. Iniciando esse projeto, é preciso passar por todos os outros indicadores, que acrescentam ao chamado inicial todo o sabor e qualidades necessárias para levar a cabo toda a obra. Obra que não tem fim, mas sempre é caminho e utopia.

Portanto, trata-se de um projeto a ser construído e no qual a força animadora e que permite a luta, a constante reflexão e ação, a esperança de um mundo melhor, é essa energia de descontentamento com o que já somos, querendo melhorar a cada dia, querendo ser melhor, em síntese: “ser mais”.

## Educação Popular<sup>1</sup>

**C** **G**  
Reaprender e dialogar<sup>2</sup> é o nosso desafio.  
**F** **C G7**  
Compreender as diversas causas, suas relações.  
**C** **G**  
Educandos e educadores somos todos nós.  
**F** **C G7**  
Conhecemos e construímos juntos, em mutirão.

**F** **G** **C C7**  
/ **Em nossa ação, a construção e a comunhão.** /

**C** **G**  
Na educação popular ninguém é o sabichão.  
**F** **C G7**  
Mas aprende e constrói com todos os irmãos, irmãs.  
**C** **G**  
Ninguém sabe nada, nem sabe tudo, não.  
**F** **C G7**  
Traz consigo algum saber da vida e seu chão.

---

1 Composição e letra de Adriano Luís Hahn, inspirada em Paulo Freire. 24 de abril de 2021.

2 “E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.” (FREIRE, 1967 p. 107).

**F G C C7**  
**/ Educação, recriação e colaboração. /**

**C G**  
O diálogo é feito no início, no meio e no fim.  
**F C G7**  
Conscientiza, desvelando a realidade do mundo.  
**C G**  
Questiona e indaga sempre com criticidade.  
**F C G7**  
Se indigna com a injustiça e têm amorosidade.

**F G C C7**  
**/ Atuação, libertação e humanização. /**

**C G**  
Somos todos sujeitos no processo da aprendizagem.  
**F C G7**  
O saber nunca é um depósito em alguém.  
**C G**  
Refazemos e reelaboramos todo o nosso saber.  
**F C G7**  
Cada um diz a sua palavra, expressando sua vida.

**F G C C7**  
**/ A reflexão, o coração e conscientização. /**

**F G C**  
**A reflexão e a ação, problematização.**

## Referências

- ARENDDT, Hanna. *A Condição Humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BRUGGER, Walter. *Dicionário de Filosofia*. Barcelona: Herder, 1976.
- DOWBOR, Ladislau. *A Era do Capital Improdutivo: a nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*. 2. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 48. reimpr. São Paulo: Paz e Terra, 2009c.
- GHIRELLI, Antonio. *Tiranos: de Hitler a Pol Pot: os homens que ensanguentaram o século 20*. Tradução de Giuseppe D'Angelo e Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. 322 p

- HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 256 p.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 15. ed. parte I. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Difel, 1982.
- MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* - Elementos de Antropologia Filosófica. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em: 19 mar. 2009.
- PLATÃO. *Diálogos: Protágoras, Górgias, Banquete e Fedon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1980.
- POUZADOUX, Claude. *Contos e lendas da Mitologia Grega*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- SARMENTO, Genisete de Lucena. *A Ocupação das Terras do Quilombo dos Palmares e a Criação de Vilas: Introdução à História de União dos Palmares*. 1. ed. Maceió: CBA, 2019.
- SOUZA, José Cavalcante de (ed.). *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Tradução de José Cavalcante de Souza *et. al.* São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).





CASA LEIRIA  
Rua do Parque, 470  
São Leopoldo-RS Brasil  
[casaleiria@casaleiria.com.br](mailto:casaleiria@casaleiria.com.br)



### **ADRIANO LUÍS HAHN**

Graduado em Filosofia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG (2006-2008); Graduado em Teologia pela Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia (2011-2013); Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, RS (2019-2020). Atualmente, atua no Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (SARES), em Manaus, AM, desde o final de 2020.



“O ‘ser mais’ é uma força impulsionadora, indispensável para a busca, o desejo, a luta, o querer, a construção de uma sociedade mais justa e uma vida pessoal mais autônoma. No entanto, essa energia provocadora não é o fim da jornada, mas o ‘pontapé’ inicial, que desemboca no questionamento das estruturas sociais, na reflexão da própria sociedade, no diálogo como fonte de compreensão e possibilidade de justiça. Iniciando esse projeto, é preciso passar por todos os outros indicadores, que acrescentam ao chamado inicial todo o sabor e qualidades necessárias para levar a cabo toda a obra. Obra que não tem fim, mas sempre é caminho e utopia.”



Casa Leiria

